

Ministério

JANEIRO-FEVEREIRO DE 1998



"Sola Scriptura"



Ministério

ARTIGOS

4 HOMENAGEM PÓSTUMA

James Cress e Wilmore Eva

12 A HUMILHAÇÃO DE CRISTO

Pedro Apolinário

14 DESVIO PROVIDENCIAL

Alden Thompson

18 O ADVENTISMO E O PRINCÍPIO SOLA SCRIPTURA

Alberto R. Timm

22 O SÁBADO E A SALVAÇÃO

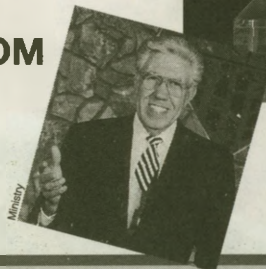
Samuele Bacchiocchi

25 O CASTIÇAL DA IGREJA DE ESMIRNA

Almir A. Fonseca

28 PREGAÇÃO COM AUTORIDADE

Alejandro Bullón



SEÇÕES

3 EDITORIAL

6 ENTREVISTA

9 AFAM

10 PONTO DE VISTA

21 IDÉIAS

31 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



Ano 69 – Número 01 – Jan./Fev. 1998
Periódico Bimestral

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos; **Editor de Arte:** Wilson Almeida; **Diagramação:** Davi Gangi; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefté Carvalho; Izéas Cardoso; **Capa:** Davi Gangi - **Fotos:** Erlo e Werner

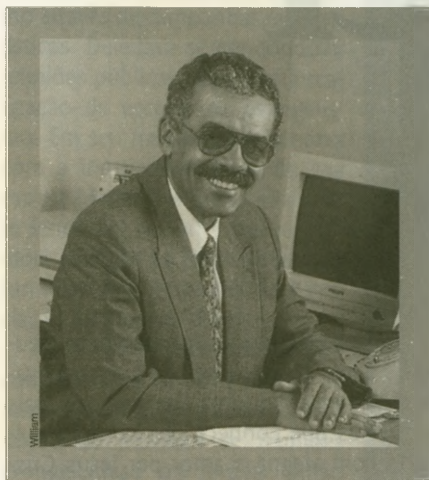
Visite o nosso site em: <http://www.cpb.com.br> E-mail:
Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br Reda-
ção: redacao@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministé-
rio** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa
Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000; Tatuí, SP

A metamorfose da revistinha



Zinaldo A. Santos

Feliz Ano Novo!

Estamos em 1998, a dois anos do próximo milênio, um ano mais perto da concretização de nossa mais acariciada esperança: a volta de Jesus Cristo. Iniciamos o ano com uma nota especial de júbilo em razão de que, segundo os últimos relatórios da Associação Geral, somos agora o maior país adventista do mundo, com 825 mil crentes, seguido pelos Estados Unidos (820 mil), Filipinas (715 mil), Quênia (465 mil) e México (445 mil). Esses dados foram apresentados por ocasião do Concílio Outonal da AG, realizado em outubro último. Todo louvor seja tributado a Deus. Em Seu amor e bondade, Ele tem partilhado conosco o privilégio de executar Sua missão salvadora.

Evidentemente, ainda existe muita terra para ser conquistada. As vitórias passadas devem sempre ser lembradas com gratidão, mas o apego a elas não deve impedir nossa marcha para o futuro. Os desafios que estão à nossa frente são maiores e mais exigentes. As mudanças tecnológicas, científicas, políticas e sociais acontecem com extraordinária rapidez, requerendo pastores e

líderes altamente capacitados, que, realmente, tenham algo relevante a dizer e a oferecer ao mundo no contexto atual.

Durante 68 anos, *Ministério* tem sido um instrumento de contínua reciclagem espiritual, intelectual e profissional para o pastor. Ex-secretários ministeriais e editores, que estiveram envolvidos em sua produção, mostraram-se zelosos e diligentes a fim de que esse propósito jamais fosse desvirtuado. E cumpriram seu papel. A consciência dessa responsabilidade permanece. Agora, acrescida de uma exigência: a necessidade de mudanças para acompanhar o progresso.

Ministério já não podia continuar sendo “a revistinha dos pastores e obreiros”. Precisava, desde há muito tempo, experimentar uma mudança em seu visual. O sonho era antigo. Foi alimentado com o apoio dos secretários ministeriais da Divisão Sul-Americana, e concretizado graças ao reconhecimento, por parte dos administradores dessa Divisão e da Casa Publicadora Brasileira, de que nossos pastores, obreiros e líderes voluntários merecem o melhor. Ou não são eles os responsáveis diretos pela conquista mencionada anteriormente, entre outras de igual importância para a Igreja?

E, nesse sentido, podemos até afirmar que apenas foi dado o primeiro passo. Crescer é a meta. Nenhum investimento feito no preparo do pastor e de seus líderes voluntários, deve ser tido como exagerado. Os frutos surgirão através de muitas vidas salvas para o reino celestial, igrejas bem alimentadas, felizes e satisfeitas, envolvidas alegremente na missão evangelizadora. Tudo para a glória de Deus e cumprimento dos Seus propósitos para o mundo.

A revista *Ministério* manterá sua linha filosófica denominacional. Além dos artigos e das seções já existentes, serão abertos outros espaços como “Ponto de Vista” e

“Idéias”. No primeiro, o escritor terá a oportunidade de refletir sobre um assunto, ou inquietação, relacionado com o trabalho pastoral ou a vida da Igreja, a respeito do qual poderá ter sugestões pertinentes. No espaço dedicado a “Idéias”, o autor poderá partilhar um projeto ou novo método de trabalho, implantado em seu distrito ou na igreja, que se mostrou efetivo, com resultados compensadores e práticos. Em ambos os casos, todos podem enviar sua contribuição não excedendo o total de oito mil toques de computador, e acompanhada de fotografia do autor que, a partir desta edição, aparecerá em cada matéria publicada.

Reportagens noticiosas sobre algum evento ministerial ou evangelístico também poderão ser publicadas. Como o pastor precisa estar sempre bem-informado, através de *Ministério* ficará sabendo detalhes a respeito de eventos e projetos relacionados com a Associação Ministerial, tais como concílios, congressos, cursos especiais, viagens de estudo, programas de Educação Contínua, e material técnico a ser usado no trabalho. Precisamos da colaboração dos secretários ministeriais dos Campos locais e Uniões, enviando informações sobre o que ocorre em seus respectivos territórios. A participação de todos é preponderante. Afinal, esta é a nossa publicação denominacional.

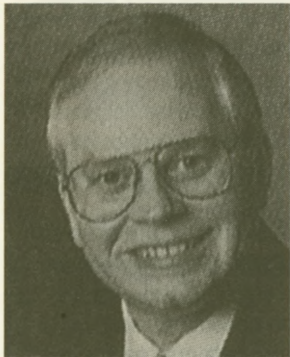
A metamorfose pela qual passou a revista *Ministério* é a expressão do compromisso de seus diretores e editor, no sentido de que ela corresponda cada vez mais ao excelente nível de qualidade e dignidade do ministério adventista. Nesta oportunidade histórica, reafirmamos esse compromisso, bem como a certeza do êxito em seu desenvolvimento e sua concretização. Tudo feito exclusivamente para a glória do Senhor a quem servimos, crescimento de Sua Igreja e cumprimento da missão que nos foi confiada. □

HOMENAGEM PÓSTUMA

Robert Spangler

1922-1997

James A. Cress e
Wilmore Eva



Fotos: Ministry

“*N*a lareira da vida Robert Spangler é cedro puro. O cedro pega fogo rapidamente e se consome iluminando. E assim foi ele. Seu gênio criativo e entusiasmo contagiante serão muito lembrados por todos nós os que com ele entramos em contato”, escreveu um dos seus amigos e associados, o Pastor Floyd Breesee, em julho de 1990, justamente quando ele, o Pastor Spangler, estava se aposentando. A veracidade e o valor poético dessas palavras são profundamente sentidos, ao lembrarmos que o Pastor Spangler faleceu na manhã de uma sexta-feira, 19 de setembro, num acidente automobilístico na Califórnia.

Desde então, muitas coisas têm sido ditas e escritas, na tentativa de expressar o imenso sentimento de perda, tristeza, admiração e respeito que todos experimentamos convergir sobre nós, à luz do que parece ser um momento contraditório.

“Tombou um homem entre nós”, disse o Dr. Rex Edwards, “que foi absolutamente único, altamente capaz, talentoso, dotado de visão ampla, consagrado à sua tarefa, inspirador em sua liderança e tão tremendamente devotado à sua missão que nenhum homem se considerará capaz de substituí-lo.” David Newman, ex-editor de *Ministry*, e que também trabalhou sob a liderança do Pastor Spangler, expressou-se da seguinte maneira: “Bob foi um dos mais finos cavalheiros cristãos que eu já encontrei. Era sempre

gracioso, clássico e cristocêntrico. Deu-me muitos bons conselhos e encorajava-me bastante. Foi uma das pessoas mais otimistas que conheci. Seu coração pulsava com alegria e amor por Jesus Cristo.” Esses tributos certamente emolduram centenas de outros.

Robert Spangler veio para a Associação Ministerial da Associação Geral em 1962 e dedicou os 28 anos seguintes de sua vida a serviço dos pastores adventistas e suas famílias. Durante 23 anos, foi editor da revista *Ministry*, o mais longo período ocupado por um editor durante os 70 anos da revista. De 1980 até 1985, foi o secretário ministerial. Mas seu principal trabalho era a editoria de *Ministry*. Ao deparar-se com o conflito entre efetivar-se na direção da revista e ao mesmo tempo servir como secretário ministerial, renunciou a secretaria e direcionou suas energias para a revista.

Durante seu trabalho na Associação Ministerial, o Pastor Spangler instituiu o *Projeto Preach* (Projeto para alcançar cada clérigo ativo no lar). Esse plano tinha o propósito de enviar números da revista *Ministry* para pastores de outras denominações. Atualmente, cerca de 70 mil pastores evangélicos continuam recebendo a publicação em todo o mundo.

Outro projeto criativo, de sua autoria, foi a produção e distribuição gratuita do livro *Nisto Cremos*, com as 27 doutrinas da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Aproximadamente 250 mil pastores e numerosas bibliotecas foram contemplados com a dádiva. Ele estava convencido de que a cruz e a ação redentiva do evangelho de Deus era a mensagem central dos adventistas do sétimo dia. Assim cria e se expressava. Foi essa crença que inspirou o livro e sua circulação.

Em meio a tudo isso, Bob jamais negligenciou a paixão consumidora de proclamar o evangelho através de campanhas evangelísticas. Deleitava-se em conduzir reuniões públicas, paralelas à realização de escolas de evangelismo. Em seu trabalho, ele contava com a inestimável ajuda de sua esposa Marie, que ficou seriamente ferida no acidente que o vitimou. Ao lado de Ellen Bresee, ela fundou a Área Feminina da Associação Ministerial, Afam.

Após sua aposentadoria, Bob continuou servindo à Igreja de muitas formas, incluindo a condução de dezenas de reuniões evangelísticas na antiga União Soviética, recolhendo ofertas para esse trabalho, presidindo a comissão coordenadora da campanha metropolitana de Moscou, dirigida por Mark Finley, em 1993, supervisionando a coleta de fundos para uma nova tradução russa das Escrituras Sagradas, reunindo-se com centenas de colaboradores do *Está Escrito*, e ligado à coleta de recursos financeiros para o *Projeto Preach*, plano que permanecia em sua mente e seu coração.

Ainda consternados por sua perda, com profunda tristeza e sincera manifestação de condolências à família, a Associação Ministerial da Associação Geral, juntamente com a grande família de editores e leitores da revista *Ministry*, em suas diversas versões ao redor do mundo, reconhece e celebra a vasta contribuição do Pastor Robert Spangler à vida e ao ministério dos pastores adventistas do sétimo dia, no mundo inteiro. Sua influência positiva e segura liderança espiritual ajudaram a impulsionar a Igreja como um todo. □



Firme fundamento

A Igreja Adventista do Sétimo Dia possui um conjunto de doutrinas características, solidamente alicerçado na Bíblia, a Palavra de Deus. Essa marca foi evidenciada desde os seus primórdios, quando os pioneiros se reuniam desprovidos de preconceitos, em humildade e oração, para o estudo das Escrituras. Guilherme Miller foi um exemplo notável desse modo de agir, ao descobrir as verdades do santuário, munido apenas de uma Bíblia e uma concordância. Apesar das dificuldades iniciais, a luz do conhecimento foi brilhando pouco a pouco, até se fazer dia perfeito.

Mais tarde, a manifestação do dom de profecia através de Ellen White representou mais uma prova da direção divina em relação ao movimento, e um precioso auxílio do Céu na consolidação de suas crenças. Em meio às idas e vindas que a passagem do tempo possibilitou, necessitamos da segurança provida pelo fundamento inicial do adventismo. Especialmente agora, quando estamos às portas da concretização da esperança que motivou seu nascimento: a volta de Jesus.

Para falar sobre inspiração bíblica e liderança profética, *Ministério* entrevistou o Dr. Teófilo Ferreira, durante o Concílio Ministerial, realizado em julho, no IAE. O Dr. Teófilo é um dos líderes do Patrimônio Literário Ellen G. White (*White Estate*), localizado na sede mundial da Igreja Adventista em Silver Spring, Maryland, EUA. Ele realizou seus estudos nas Universidades de Jerusalém, Lisboa e Estrasburgo, e, atualmente, prepara

sua tese doutoral na área de manuscritos do Mar Morto. "Eu creio que a lição principal dos manuscritos do Mar Morto é a antiguidade dos documentos dos manuscritos do



Dr. Teófilo Ferreira

Antigo Testamento, documentos que são anteriores àqueles que Jesus usou em Seu tempo e que nos dão a garantia da transmissão do texto bíblico de maneira fidedigna até os nossos dias." Para ele, "nenhum aspecto menor, quer de ortografia, pequenas lacunas ou contradições de texto, afeta a mensagem de salvação abordada pelas Escrituras. Em nenhum caso, esses detalhes põem em xeque a mensagem de salvação." A seguir, os principais trechos da entrevista.

MINISTÉRIO: *Quais são as suas atividades no White Estate?*

DR. TEÓFILO: O *White Estate* é o local onde guardamos todos os manuscritos

e cartas da Sra. Ellen White. Ai estamos organizados em vários departamentos, um dos quais é o Instituto de Estudos Proféticos. Esse instituto tem como objetivo levar a todo o mundo um estudo sistemático, metódico, das grandes verdades e dos ensinamentos dos profetas, apóstolos e da irmã Ellen White. O alvo é mostrar que, ao chamar profetas e apóstolos, Deus lhes deu determinadas mensagens para serem transmitidas. E, mais tarde, o mesmo aconteceu em relação ao chamado a Ellen White. Quer dizer, a preocupação de todas essas pessoas foi a mesma em qualquer época que tenham atuado. Esse é o ensino que nos propomos a transmitir aos pastores, estudantes de Teologia e às igrejas. É um estudo mais coerente do que podemos chamar profecia teológica.

MINISTÉRIO: *Sabe-se que, atualmente, há questionamentos sobre a inspiração da Bíblia. Alguns críticos falam de "graus de inspiração". Fale algo sobre isso.*

DR. TEÓFILO: Talvez o problema deva ser considerado de maneira diferente. A Bíblia não nos fala propriamente de inspiração. Ela diz que Deus falou, Deus comunicou, Deus revelou aos profetas a Sua vontade. Se nós aceitamos uma determinada pessoa como profeta, porta-voz de Deus, por razões que são bem claras, então, vamos aceitar o que Deus disse através desse profeta. A mensagem é importante. O mensageiro vê, ouve e transmite segundo sua própria concepção, cultura e mentalidade. E, depois, nós vamos receber tal mensagem através do profeta que é um vaso de barro. Daí, se nós entendermos que os profetas são escolhidos por Deus e não pelos homens, não falamos

mais em inspiração; falamos naquilo que Deus quis dar como mensagem a esses porta-vozes, e que valor tem a mensagem para nós. Isso é mais importante do que falar de inspiração, vamos entrar precisamente no problema dos chamados "graus de inspiração". Não há graus de inspiração. Devemos querer saber apenas o que Deus disse através de uma pessoa a quem Ele escolheu e a quem chamou profeta.

MINISTÉRIO: Em seus escritos, o apóstolo Paulo afirma: "Isso digo eu, não o Senhor." Seria uma indicação de que, naquele determinado assunto, ele não recebeu a inspiração divina?

DR. TEÓFILO: Por isso mesmo é que temos de evitar o termo inspiração; para compreender que o importante é o que o próprio Paulo diz de sua experiência como um servo de Deus, chamado por Ele e não pelos homens. O fato de ter sido chamado por Deus para Sua missão é que é importante. Depois, ele é suficientemente honesto para dizer: "o que eu estou ensinando me foi dado diretamente por Deus" ou "o que eu estou ensinando é de minha própria experiência". Não é uma questão de "graus de inspiração". No caso específico, Paulo simplesmente dá um conselho pastoral que não é necessariamente produto de alguma visão que ele tenha recebido de Deus, mas isso não coloca em dúvida a inspiração. Nós aceitamos que Paulo foi escolhido por Deus para uma sagrada função. Esse é o ponto fundamental. Agora, vamos ver se o que ele diz corresponde às minhas necessidades, ou não. Ninguém está obrigado a aceitar, embora saibamos que há vantagens em fazê-lo.

MINISTÉRIO: O senhor falou em evitar o termo inspiração. Qual seria a expressão mais apropriada então?

DR. TEÓFILO: Na língua hebraica não há praticamente uma palavra que se ajuste bem a isso. Em grego, na realidade, o termo refere-se mais a "expiração"; ou seja, é mais uma mensagem que sai de Deus, do que uma mensagem que entra no homem.

MINISTÉRIO: Revelação não seria um termo apropriado?

DR. TEÓFILO: É uma expressão análoga, mas não idêntica. Isso porque revelação trata da explicação de uma verdade. Mas, nem toda verdade que Deus dá a um

profeta é, necessariamente, uma revelação. Há muitas verdades que são uma revelação, há outras que são cotidianas. Quando Deus diz, por exemplo, "vai à casa de fulano e prega-lhe o evangelho", como fez muitas vezes nos dias apostólicos, isso não é necessariamente uma revelação. É uma ordem que poderíamos chamar de inspirada porque saiu de Deus. Logo é "expirada" de Deus.

MINISTÉRIO: Como se dá então esse processo de escolha, comunicação da mensagem ao profeta e sua transmissão ao mundo?

DR. TEÓFILO: Deus tem a liberdade de escolher. Não sabemos por que Ele escolheu Abraão, Moisés e outros que não eram santos. Tinham pecado, mas Deus os escolheu. A responsabilidade é de Deus. Agora, nós vamos ver se essas pessoas tinham uma vida coerente em relação com Deus. E se tinham, precisamos ver se isso corresponde àquilo que entendemos como a vida de um profeta de Deus. O que nos interessa é compreender a importância da mensagem que receberam e transmitiram para nós. É assim que eu analiso o trabalho dos profetas e de Ellen White.

MINISTÉRIO: O que realmente significa dizer que toda a Bíblia é inspirada, considerando-se a existência de alguns problemas em certos textos?

DR. TEÓFILO: Há um texto, e efetivamente é o único que diz isso. Mas se verificarmos bem, o termo traduzido como "inspirada" significa mais *expirada* do que *inspirada*. Quer dizer, a mensagem é expirada de Deus e entra depois no profeta ou apóstolo, que a recebe como ser humano. Inspiração não é toda mensagem que entra, toda pronta, na pessoa. Ela sai de Deus; e o homem a recebe como ser humano. É possível que o homem a altere ou não saiba explicar bem. Se lermos Ezequiel 1 e 10, veremos duas descrições da mesma visão. Numa há um certo vocabulário; e na outra, um vocabulário diferente. Porque Ezequiel não soube encontrar as palavras exatas. Porque o que ele viu não corresponde a nada do que ele descreveu na Terra. A expressão querubim, por exemplo, é usada num capítulo, e no outro ela é substituída pelo termo animais.

MINISTÉRIO: O que envolve, em toda a sua abrangência, a expressão Espírito de Profecia?

DR. TEÓFILO: O conceito de Espí-

rito de Profecia tem sido usado e abusado pela nossa Igreja. Eu penso que nós deveríamos exprimir mais a idéia de Dom de Profecia. A diferença é que o dom de profecia é um dom outorgado por Deus, através dos séculos à Sua Igreja. Não começou com a Sra. White, nem terminou com ela. Enquanto que a maneira como temos usado a expressão Espírito de Profecia, quase isola a irmã White como sendo o Espírito de Profecia. Ora, isso está errado. O dom de profecia não terminou e, portanto, não pode ser catalogado apenas com a irmã White.

MINISTÉRIO: Então o senhor acha que o significado da expressão deve ser ampliado para a capacidade de a Igreja entender, interpretar e explanar profecias?

DR. TEÓFILO: Interpretação é outra dimensão. O que significa Dom de Profecia é um dom que Deus pode dar a pessoas de Sua escolha, precisamente para que se tornem seus porta-vozes especiais e diretos. Inclusive a Sra. White. Aliás, sabemos que, mesmo no tempo da Sra. White, Deus escolheu outras pessoas que não aceitaram a responsabilidade. A irmã White foi a terceira escolha.

MINISTÉRIO: Como a Igreja realmente vê o ministério de Ellen White, atualmente? Parece que nos últimos 20 anos essa discussão foi ampliada..

DR. TEÓFILO: Eu não poria 20 anos como referencial. A resposta para essa pergunta depende do que acontece em vários países no mundo. É um fato que em alguns países tem havido uma ponderação diferente em relação aos escritos da Sra. White. O problema fundamental é sabermos e aceitarmos se Ellen White foi ou não escolhida como profetisa de Deus. Se cremos que foi escolhida por Deus, então vamos aceitar e estudar o que ela diz. Seus escritos e sua mensagem nos ajudam a compreender melhor a Palavra de Deus. Não substituir, não equiparar, mas compreender melhor. Se não foi escolhida por Deus, vamos rejeitar o que ela diz e escreve. Esse é o problema fundamental.

MINISTÉRIO: Seria Ellen White a última palavra para a interpretação de assuntos teológicos, ou seu trabalho é mais de aconselhamento?

DR. TEÓFILO: A irmã White foi chamada num período decisivo e importante

da história de nossa Igreja. Ela teve visões que ajudaram a firmar e estabelecer de maneira sólida os princípios doutrinários, e outros, da nossa Igreja. A irmã White nunca introduziu por si mesma nenhuma doutrina que não esteja fundamentada na Bíblia; nem mesmo foi ela a única pessoa que teve a última palavra na aceitação de determinadas doutrinas da nossa Igreja. Ela foi importante na implantação do chamado de Deus para o povo a que chamamos adventista. Ela não foi teóloga, afirma não ser teóloga. Ela sempre foi uma mensageira do Senhor que ajudou o povo a encontrar um caminho certo de interpretação bíblica. Mas nunca impôs coisa alguma, nenhuma doutrina.

MINISTÉRIO: *Quando os pioneiros estavam estudando certas doutrinas, lê-se que, em momentos decisivos, uma mensagem da Sra. White definia os rumos. Isso não é ter a última palavra teológica?*

DR. TEÓFILO: Eu não sei se podemos dizer que a irmã White tinha a última palavra, em muitos casos. Você sabe que na crise de 1888, e em outras ocasiões, os irmãos nem sempre acataram o que ela disse. Às vezes até rejeitaram. Quando ela foi para a Austrália, por exemplo, isso não significou apenas a necessidade de sua missão naquele lugar, mas uma rejeição de sua presença em determinada época do seu ministério na América.

MINISTÉRIO: *Em que sentido Ellen White é uma luz menor?*

DR. TEÓFILO: A Sra. White usa as expressões "luz menor" e "luz maior", como que posicionando-se em relação à Bíblia. A expressão que nos vem das Escrituras é que o Dom de Profecia é uma luz que alumia em lugar escuro. Assim, diríamos que a Bíblia é um livro que tem suas complexidades, lugares escuros, difíceis de ser entendidos. Pedro falou disso. O Dom de Profecia é uma luz que nos ajuda a compreender a grande luz que é a Bíblia, mesmo com suas dificuldades de entendimento. As duas luzes têm a mesma origem. Uma delas nos foi dada para ajudar a ver as grandes verdades contidas naquela que é a luz maior. Se estudássemos a Bíblia justamente como Ellen White aconselha, com profundidade, certamente descobriríamos luz nos lugares escuros. Mas como o fazemos superficialmente, mesmo assim Deus em Seu amor e bondade tomou providências para não andarmos no escuro.

MINISTÉRIO: *Dizem os críticos que as seitas geralmente centralizam sua atenção e crença numa determinada pessoa. Por isso, em virtude da presença de Ellen White, ainda acusam a Igreja Adventista de ser uma seita.*

DR. TEÓFILO: Temos que considerar qual é o objetivo fundamental do cristianismo. O cristianismo não é uma religião baseada em leis e regulamentos. Ela está baseada numa pessoa – Jesus Cristo. Todo cristianismo que saia desse princípio fundamental está em crise. Se há pessoas que influenciam esse cristianismo, como por exemplo, foram os pais apostólicos, no começo da Igreja Cristã primitiva; como foi Lutero, na Reforma; ou a Sra. White, na Igreja Adventista, elas tão-somente ajudam a cimentar os princípios da Igreja, mas de maneira nenhuma pessoas nas quais se centralizam a crença do cristianismo ou de qualquer igreja cristã. Não é por causa de sua presença, mesmo marcante, que a igreja da qual participam deve ser tida como uma seita. A Igreja Adventista está centrada em Jesus, e ninguém mais. Nem mesmo está centrada em princípios doutrinários.

MINISTÉRIO: *A Igreja Adventista está inserida numa sociedade complexa, que se defronta com questões difíceis como aborto, eutanásia, e outros problemas de bioética. Existe algum escrito que ajude a encarar tais dificuldades?*

DR. TEÓFILO: Se pensamos em termos concretos de aborto, não. Ela não fez nenhuma citação sobre esse assunto. Particularmente creio que tais questões devem ser estudadas a partir do princípio bíblico de vida e morte. Mas a aplicação das leis referentes ao aborto dizem respeito mais à problemática médica do que à teológica; embora haja reflexos teológicos do aborto, especialmente o aborto avançado. Com base nos princípios bíblicos e também levando em conta a ética, a Associação Geral preparou um documento sobre a questão, que contém orientações úteis.

MINISTÉRIO: *Embora a Sra. White fale sempre contra adornos, frequência a teatros, ficção, etc., suas orientações nesse sentido são às vezes pareceridas em nome da cultura. O que o senhor acha disso?*

DR. TEÓFILO: O problema é sabermos se o fato de a Igreja se abster de certas práticas e certos usos é uma questão legalista, baseada na Bíblia, ou na razão

pela qual ela foi chamada. Estamos convencidos de que, vivendo nos últimos tempos, e tendo uma missão de preparar o caminho para a segunda vinda de Cristo, missão igual à de João Batista, devemos nos abster de certas coisas precisamente para que a mensagem possa ser transmitida da melhor maneira possível, e não como um meio de salvação. Pois assim cairíamos no legalismo. Nada disso contribui ou não para a nossa salvação. Mas pode contribuir ou não para a utilização que Deus quer fazer de nós, na tarefa de preparar um povo para a vinda de Jesus Cristo.

MINISTÉRIO: *O que o senhor diria a algumas pessoas que ainda mantêm reservas quanto ao Dom de Profecia no ministério de Ellen White?*

DR. TEÓFILO: Esse é um dom outorgado por Deus. Recusá-lo, é recusar a vontade de Deus. Ele é quem decide dar ou não o Dom de Profecia. Cabe-nos estudar se ele vem de Deus ou de outra fonte. Se chegamos à conclusão que ele vem de Deus, temos que aceitá-lo. A Sra. White diz que nada temos a temer quanto ao futuro, a menos que nos esqueçamos a maneira como Deus conduziu Seu povo no passado. Se estudarmos bem a forma como Deus tem dirigido Sua igreja através dos séculos, se tivermos confiança em Sua direção, tal confiança incidirá também no Dom de Profecia. Afinal, essa é uma maneira pela qual Ele nos dirige.

MINISTÉRIO: *Sendo privilegiada com esse Dom, como o senhor imagina que a Igreja Adventista deveria se posicionar diante do mundo e de outros evangélicos, atualmente?*

DR. TEÓFILO: Eu creio que a Sra. White compreendeu, assim como os pioneiros compreenderam, que esta Igreja foi chamada, não por ser melhor que as outras, não porque seja a única que deve ser salva, mas porque a mensagem que deve transmitir é a última mensagem de advertência e preparação para a volta de Cristo. Se nós não perdermos de vista a razão para a qual fomos chamados, não precisamos temer o futuro. Se olharmos para outras maneiras de proceder e esqueçamos a razão do nosso chamado, vamos nos permitir práticas que não representam razão da nossa salvação, mas se constituem obstáculos ao desempenho da nossa missão. Precisamos ser fiéis, pela graça de Jesus. □

Auto-imagem feminina

ROSÂNGELA LIRA

Formada em Teologia, esposa de pastor, reside em Guarapari, ES



Gratidão da autora

Não raro, a esposa do pastor se sente como se todos os olhos da congregação estivessem voltados para ela; como se seu modo de ser e agir estivesse sendo constantemente observado e avaliado pelos membros da igreja. E, não raro, também, ela se deixa dominar por um senso de incapacidade e insuficiência diante de tal situação.

Satanás tem muitas armas psicológicas com as quais nos ataca. E a mais eficaz dentre elas é, sem dúvida, a baixa auto-estima.

O psicólogo e escritor James Dobson realizou uma pesquisa entre um grande grupo de mulheres cristãs. A maioria delas era feliz, casada, possuía boa situação financeira, gozava de boa saúde e desfrutava o privilégio da maternidade. Na pesquisa, o Dr. Dobson alistou dez fontes de depressão, pedindo que as mulheres as classificassem na ordem em que essas lhes afetavam a vida. Cinquenta por cento daquelas senhoras colocaram a baixa auto-estima como seu principal problema, e 80% a colocaram entre os três primeiros lugares.

O que significa ter baixo grau de auto-estima? É não se sentir suficientemente bonita ou atraente. É achar que não possui o talento e a capacidade que outras pessoas possuem. É o sentimento de que "ninguém gostaria de mim, se me conhecesse como realmente sou". É achar-se um fracasso para com seu marido, seus filhos e sua igreja.

Cada uma de nós deve perguntar a si mesma: Aceito-me integralmente? Digo sim ao meu casamento? Aos meus filhos? Aos meus pais? À minha situação econômica? Ao meu estado de saúde? À minha aparência?

Em resumo, amo a mim mesma?

Sintomas e conseqüências

Entre os sintomas de que possuímos um baixo grau de auto-estima, podem incluir-se: uma sensibilidade exagerada, tendência para a crítica, intolerância para com o modo de ser e as idéias de outras pessoas, "explosões" freqüentes de raiva, ciúmes excessivos, necessidade de possuir coisas para impressionar as pessoas, dificuldade para aceitar elogios, incapacidade de perdoar, perfeccionismo, medo exagerado, freqüentes problemas de saúde, sensação constante de ansiedade, incapacidade ou inferioridade.

A falta de auto-estima afeta grandemente nossa vida cristã. Primeiramente, porque paralisa nosso potencial. Em segundo lugar, porque a imagem própria negativa destrói nosso relacionamento com Deus. Se ficamos sempre a nos considerar sem valor ou inferiores, o raciocínio natural é acharmos que Deus não pode nos amar e cuidar de nós. E, finalmente, a baixa auto-estima paralisa nosso potencial porque também estraga nosso relacionamento com as outras pessoas.

Não podemos dar o que não possuímos. Somente quando nos aceitamos como indivíduos, podemos nos tornar verdadeiramente desprendidas de nós mesmas. Na verdade, toda pessoa que não ama a si mesma é egoísta, pois está sempre tentando encontrar-se. Daí, deduzimos que, para sermos genuinamente cristãs, e para que Deus possa nos usar em Seu serviço, é vital que nos aceitemos e amemos a nós mesmas.

A saída

Que passos podemos dar para aprender a amar-nos?

Quando você estiver disposta a começar, lembre-se de que não existem curas mágicas nem soluções simples para os problemas de uma vida inteira. Foram necessários todos estes anos para que você se tornasse a pessoa que é. Será necessário tempo para você mudar sua auto-imagem. Mas você pode trabalhar em cima das seguintes sugestões:

► Aceite a idéia de que um amor-próprio adequado é correto, e que Deus espera isso de você. Jesus recomendou o amor-próprio quando ensinou que o maior mandamento é amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a si mesmo.

► Deixe de se condenar. Criticar e condenar a si mesma gera mais ódio próprio. Seja por ter derramado um leite ou cometido uma falha moral, não se condene. Todos somos seres humanos e cometemos erros.

► Verifique seus motivos. Veja se você está fazendo alguma coisa pensando só em si mesma, ou se seu motivo é vingança, ou tentativa de procurar tirar proveito dos outros, etc. Analise-se. Se tiver dúvidas, converse com um conselheiro, alguém de sua confiança, que fale objetivamente.

► Procure executar coisas que induzirão você a gostar de si mesma. Dê amor, simpatia, ajuda, compreensão, perdão.

► Aprenda a perdoar a si mesma.

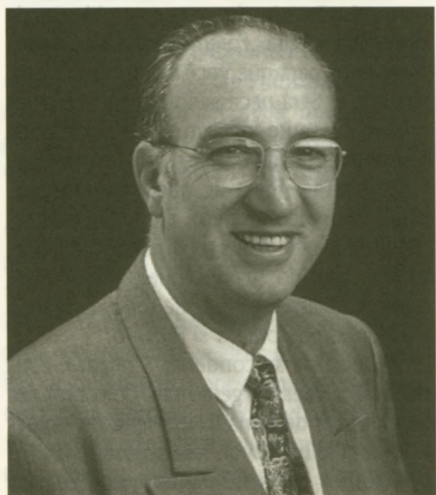
► Comece a fazer elogios sinceros às pessoas.

► Aprenda a aceitar e dar amor. Deixe-se amar pelas pessoas. Aceite os gestos e palavras de carinho que elas lhe dirigem. Sobretudo, deixe-se amar por Jesus. Ele é o único que nos aceita como somos, completa e incondicionalmente, e assim torna possível aceitarmos-nos a nós mesmas e uns aos outros. Quando nos sentirmos verdadeiramente amadas por Cristo, o amor pelos outros começará a fluir naturalmente de nosso coração. Como Diz a Bíblia, "nós amamos porque Ele nos amou primeiro" (1 João 4:19). □

Evangelização urbana

MARCIO DIAS GUARDA

Editor de Mídia Digital da
Casa Publicadora Brasileira



Atualmente, 60% da população do mundo vive em cidades. No Brasil, a prevalência da urbanização ainda é mais característica. À época do censo de 1991, 75,6% da população era urbana.

O processo de urbanização começou de forma significativa no Brasil, na década de 50. Mas é na década seguinte que ocorre uma inversão curiosa. Começamos a década de 60 com 55% da população assentada nas áreas rurais e terminamos essa mesma década com 55% na zona urbana.

De acordo com John Eberhard, da Academia de Ciências de Washington, Estados Unidos, entre 1876 e 1893, ocorreram oito importantes invenções que mudaram as feições das cidades: (1) As estruturas de aço ajudaram a romper os limites impostos pelos tijolos, pedras e madeira e contribuíram para o aumento da densidade populacional. (2) Os elevadores e escadas rolantes criaram novas condições de acesso e locomoção. (3) A luz elétrica permitiu o trabalho em turnos

e em espaços não dotados de luz natural. (4) Ar condicionado e aquecimento central. (5) Tratamento de águas. (6) Invenção do telefone, que desencadeou a revolução nas comunicações. (7) Invenção do automóvel. (8) Finalmente, o metrô veio completar o perfil dos grandes aglomerados humanos atuais.

O aumento das oportunidades de trabalho nas cidades; o maior acesso à educação e saúde e a possibilidade de vida melhor foram as motivações sociais para o êxodo rural. Nos últimos tempos, têm-se verificado que as grandes capitais estão crescendo em ritmo mais lento que as cidades adjacentes ou alguns polos espalhados pelo interior. Mas isso não deixa de ser urbanização.

A urbanização se caracteriza pelo indivi-

dualismo, pragmatismo, consumismo e relativismo. Isso anula, para boa parte dos migrantes, as vantagens ou atrativos das cidades, gerando uma preocupante exclusão social e econômica. Violência, drogas, poluição e epidemias são alguns dos problemas que mais caracterizam as cidades atuais. E, como quase 80% dos brasileiros vivem em cidades, não tenho dúvidas de que esse é nosso grande campo missionário.

Creio que, antes de chegar a hora de abandonar as cidades, é necessário alcançar com o evangelho as pessoas que vivem nos centros urbanos. E para conseguir isso não podemos deixar de considerar as limitações impostas e as possibilidades descortinadas pela urbanização. John Stott definiu "liderança", em termos



de ministério urbano, como sendo "um santo descontentamento com as coisas da maneira como elas são", insatisfação essa que leva ao desenvolvimento de visões alternativas em função da cidade.

Dificuldades e alternativas

O que passo a mencionar são alguns problemas que parecem comuns hoje, para a solução dos quais talvez alguns métodos devam ser revistos, já que antedatam essa atual preponderância urbana.

Reclama-se muito da falta de visitação pastoral. Mas quando o pastor tenta visitar nota que a chamada "população economicamente ativa" mais os jovens e as crianças em idade escolar não se encontram em casa, durante a semana, mesmo que se prolongue o expediente pastoral até às 21h00. Sobram sexta, à noite; sábado, à tarde; e domingo. Mas, nos finais de semana, a visitação pastoral também enfrenta a concorrência das reuniões de comissões, ensaios, atividades sociais das famílias, como: praia, passeios e esportes. Numa economia rural, com a chegada do pastor, as pessoas interrompiam seus afazeres e se reuniam em torno dele, a qualquer hora. Eu fui pastor de várias igrejas rurais e vivenciei isso. Agora, dentro do contexto da urbanização, a visitação tem de ser exercida com mais criatividade e diversificação.

Quais as alternativas realistas para a visitação pastoral numa sociedade urbanizada? Acho que esse assunto merece um estudo aprofundado, mas é possível, aqui, alinhar algumas sugestões. (1) O uso mais intenso e sistemático do telefone e e-mail é uma forma de amenizar a dificuldade para visitar. Como se tratam de meios extremamente práticos, pois podem alcançar as pessoas também no trabalho ou fora de hora, além de serem muito baratos, a frequência dos contatos pode ser aumentada para compensar a falta do relacionamento pessoal. (2) Outra possibilidade é organizar o atendimento pastoral, antes e após os cultos, na igreja. O pastor poderia chegar ao escritório pastoral umas duas horas antes e atender também, após o culto, às pessoas, seguindo uma senha apanhada com a secretária da igreja, por exemplo. (3) Esse expediente pastoral também pode ser dado em outros dias e locais conhecidos e acessíveis, não apenas atendendo aos que freqüentam os cultos, mas a qualquer membro ou não da igreja



que deseje ter um contato com o pastor (ou com um conselheiro ou voluntário leigo). (4) Esses consultórios pastorais deveriam estar localizados em pontos estratégicos da cidade, locais de fácil acesso ao povo, ou junto de livrarias adventistas, lojas de produtos naturais, centros de promoção social (para cursos, agências de emprego, etc.).

Por que é difícil a assistência aos cultos noturnos? Muitas pessoas trabalham até tarde, ou estudam, ou devem levantar muito cedo no dia seguinte, ou temem deslocar-se à noite por causa da violência urbana. Outras trabalham longe de onde moram e têm dificuldades para chegar em casa e ainda sair para a igreja ou gastar mais dinheiro com condução. Esses e outros motivos, como o apego à televisão, também comprometem as séries mais longas de evangelismo público. É praticamente impossível "segurar" um mesmo público com reuniões diárias ou ao longo da semana. O que se consegue é trazer, cá e lá, "representantes das famílias", a não ser nos finais de semana. Esses são problemas reais que as pessoas enfrentam atualmente nas cidades.

Alternativas ao culto noturno? (1) Cultos diurnos em diferentes horários, na igreja, ou reuniões de pequenos grupos, em lares, para atender a públicos mais específicos, como: pessoas que trabalham

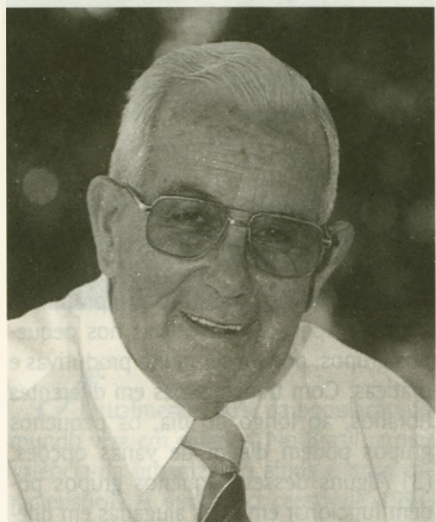
em turnos, ou passam pela igreja após o trabalho, ou antes de irem para o sítio ou para a praia, podem ser soluções. (2) As teleconferências, via satélite, constando de pregação, música e curso bíblico, complementadas por discussão, aprofundamento e aplicação das idéias nos pequenos grupos, podem ser muito produtivas e práticas. Com transmissões em diferentes horários, ao longo do dia, os pequenos grupos podem dispor de várias opções. (3) Alguns desses pequenos grupos podem funcionar em salas alugadas em diferentes pontos da cidade, abertas durante o dia todo, ou em escolas, hospitais e empresas. (4) Em escolas, hospitais, empresas e forças armadas podem residir as mais importantes oportunidades para contatos com grupos de pessoas, também para aconselhamento, e o plano de assumir capelanias nesses lugares pode ser uma chave para alcançar os corações urbanos. Muitos empresários, hoje, não têm a menor dúvida de que seus operários produzem mais "se estiverem de bem com a vida", portanto estão dispostos a aceitar a oferta de aconselhamento espiritual, regular e sistemático, na empresa.

A espiritualidade urbana é uma arte, um especial estilo de vida, que relaciona o que conhecemos a respeito de Deus com o que entendemos das complexidades do mundo urbano. □

A humilhação de Cristo

PEDRO APOLINÁRIO

Professor de Grego, Latim e Literatura, no Salt/IAE



William

“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois Ele, subsistindo em forma de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a Si mesmo Se humilhou até à morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus O exaltou sobremaneira e Lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos Céus, na Terra e debaixo da Terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.” (Fil. 2:5 a 8).

Esses versos têm recebido dos comentaristas títulos tais como Humilhação,

Auto-aniquilamento e Auto-humilhação de Cristo. Mas qual a razão de o apóstolo Paulo apresentar esse exemplo de Cristo à igreja de Filipos? Estudo mais acurado da epístola mostrará que entre os perigos que ameaçavam aquela comunidade cristã estavam a desunião e a exaltação própria. E nos versos 3 e 4, de acordo com o comentarista William Barclay, Paulo apresenta três grandes causas de desarmonia e desunião: ambição egoísta, desejo de prestígio pessoal e egocentrismo.

A intenção paulina era persuadir os filipenses a viverem uma vida livre de desunião, falta de harmonia e ambição pessoal. Se as grandes características da vida de Jesus foram humilhação, obediência e renúncia de Si mesmo, essas mesmas virtudes devem caracterizar os cristãos, porque eles devem ser como seu Mestre.

A frase mais significativa desses versos, inegavelmente, é “antes a Si mesmo Se esvaziou”, que é a tradução literal do termo grego *ekenosen*, sendo da mesma raiz da expressão teológica e técnica *kenosis*, que quer dizer auto-aniquilamento. *Ekenosen* é uma forma do verbo *kenóo*, cujo significado é esvaziar-se, privar-se de. Cristo pôs de lado os Seus atributos e poderes divinos para que pudesse compartilhar da condição humana em sua fraqueza e sorte.

Adão Clarke afirma que o esvaziamento de Cristo foi o ato de deixar a Sua glória, que nada mais é do que o conjunto dos atributos divinos. Humilhar-Se foi o ato de assumir a forma humana.

Análise de termos

Para a boa compreensão exegética, outras palavras gregas precisam ser estudadas:

Froneite, por exemplo, 2ª pessoa do plural do imperativo do verbo *froneo*, que

significa pensar e sentir, ser sensato ou prudente. Aparece no verso 2, onde literalmente poderia ser dito “tende a mentalidade”, “tende a disposição mental”, “tende o pensamento”. O sentimento aqui focalizado é o mesmo que é explanado nos versos que se seguem, ou seja, uma disposição de altruísmo, de interesse pelo ser humano, ao ponto mesmo de sofrer, a fim de tornar possível servir a outros. O contexto mostra que Paulo conclamava seus leitores a que seguissem o exemplo de Cristo, isto é, a Sua humildade. A humilhação de Cristo consistiu no fato de haver Ele assumido a nossa humanidade; e foi essa humilhação que nos propiciou a salvação.

Segundo o verso 6, “Ele, subsistindo em forma de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus”. A última frase desse verso – “não julgou como usurpação o ser igual a Deus” – traz alguma dificuldade. Também tem sido traduzida da seguinte forma: “não pensou que a igualdade com Deus fosse algo a que devesse agarrar-Se ou apegar-Se.” A palavra “subsistindo” vem do grego *hyparkon*, definida em qualquer dicionário desse idioma como sinônima de *einai*, que quer dizer “ser”, “existir”. Esse verso descreve o que o homem é em sua essência, o que não pode ser trocado. Descreve as características do homem que lhe são inatas e inalteráveis.

Harpagmós, traduzida como “usurpação”, significa raptos, roubo. Provém de um verbo cujo significado é “arrebatar”, “apegar-se com avidez”, “apoderar-se pela força”. Há uma grande controvérsia em torno do sentido dessa palavra, bem como quanto à maneira pela qual ela é utilizada no texto em consideração. Os comentaristas estão divididos em dois grupos quanto ao significado do termo.

Para uns, a palavra significa algo a ser mantido pela força; para outros, algo a ser conseguido pela força.

Roberto Bratcher, grecista da Sociedade Bíblica do Brasil, afirma que o tradutor precisa decidir-se por um dos dois sentidos, e ele, na tradução da Bíblia na Linguagem de Hoje, decidiu pelo sentido de "conseguir pela força", deixando a frase da seguinte forma: "Ele não tentou ser, pela força, igual a Deus."

Infelizmente, Bratcher não atendeu à analogia da fé, ao contexto e à teologia paulina. Se cremos que Cristo é verdadeiramente Deus, como a Bíblia afirma, então o que Paulo tinha em mente, ao fazer tal afirmação, é que embora Cristo fosse indiscutivelmente igual a Deus, Ele Se despiu de todas as prerrogativas divinas e Se fez homem. Em outras palavras, não pensou que a igualdade com Deus fosse algo de que não devesse abrir mão, mas, voluntariamente, a deixou por amor da humanidade. Graças a Deus por esse desprendimento altruísta de Cristo.

Interpretação jeovista

As Testemunhas de Jeová, ao traduzirem a Bíblia, forcem os textos para que estes se acomodem às suas crenças heréticas, dentre as quais se sobressai a negação da divindade de Cristo. O livro *Seja Deus Verdadeiro*, à página 32, afirma: "Mantenham esta atitude mental que também era de Jesus Cristo, o qual ainda que existisse em forma divina, não deu lugar à usurpação, isto é, não se considerou igual a Deus." E, na página 34, encontra-se esta afirmação: "Antes de vir à Terra, esse Filho Unigênito de Deus não se julgava igual a Jeová Deus; ele não se considerava 'igual em glória e poder com o Deus todo-poderoso'."

Ao comentar a tradução de Fil. 2:5 a 11, o *Oráculo Russelita* declara, à página 22: "Paulo faz claro que Cristo Jesus em sua forma pré-humana não era igual a Seu Pai. Ele aconselha os cristãos a não serem motivados pelo egoísmo, mas a terem humildade de mente, assim como teve Jesus Cristo, que embora existindo na forma de Deus, antes de Sua vinda à Terra, não foi ambicioso para tornar-Se igual a Seu Pai."

É uma ousadia, ou melhor, uma terrível heresia, afirmar que Paulo ensina que Jesus era inferior ao Pai, quando o grande bandeirante da fé diz exatamente o contrário. Basta conferir três passagens de sua autoria:

Col. 2:9: "Porquanto nEle habita corporalmente toda a plenitude da Divindade."

Tito 2:13: "Aguardando a bendita espe-

rança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus."

Heb. 1:8: "Mas, acerca do Filho diz: o Teu trono, ó Deus, é para todo o sempre."

Russel Norman Champlin, depois de apresentar várias traduções propostas pelos comentaristas, defende como sendo a melhor a seguinte: "Estando Cristo na forma de Deus (e, portanto, sendo igual a Deus, já que é Filho de Deus), não considerou Ele que a continuação nessa posição fosse algo de que não devesse abrir mão, porque tinha de realizar a Sua missão, encarnar-Se para salvar o ser humano." – *O Novo Testamento Interpretado*, vol. 5, pág. 27.

Seguem-se uma tradução e uma paráfrase, conhecidas pelos adventistas do sétimo dia, através de Arnaldo Christianini, em seu livro *Radiografia do Jeovismo*: "Ele mesmo, quando subsistia na forma de Deus, não Se agarrou egoisticamente a Sua prerrogativa de igualdade com Deus." E "porque Ele que sempre fora Deus por natureza, não Se ateu às Suas prerrogativas de igualdade com Deus, mas despiu-Se de todo o privilégio consentindo tornar-Se escravo por natureza e nascendo como homem mortal".

A tradução é de Artur S. Way, hábil tradutor de clássicos gregos, e a paráfrase é do erudito G. B. Phillips. O Pastor Christianini, após comentar e justificar a melhor tradução para esse verso, faz a seguinte pergunta: "diante dessa nuvem de testemunhas, as mais autorizadas, verdadeiras sumidades na língua original do Novo Testamento, em que fica o arremedo de tradução, o mistifório jeovista?"

Uma boa resposta seria esta: estudando as suas doutrinas, comparando-as com os ensinamentos bíblicos, contra os quais assestam suas armas negativistas e demolidoras, com ênfase contra a divindade de Cristo e a Trindade, creio que muito apropriadamente se lhes aplica o provérbio segundo o qual "o pior cego é aquele que não quer ver".

"Em forma de Deus"

Existem duas palavras gregas traduzidas como "forma", mas elas não têm o mesmo significado. São elas: *Morfê* e *Skema*. Abalizadas autoridades bíblicas comprovam que elas não são sinônimas. Uma delas é Vincent, que afirma o seguinte:

"Precisamos banir da nossa mente a idéia de forma do termo *morfê*. A palavra é usada em seu sentido filosófico, denotando aquela expressão do ser a quem ela pertence, e é assim permanentemente identificada com sua natureza e caráter. Assim ela é distinta de *skema* – figura, forma – compre-

endendo o que apela aos sentidos e que é mutável. *Morfê* (forma) é identificada com a essência de uma pessoa ou coisa; *skema* é um acidente que pode mudar sem afetar a *morfê*." – *Words studies in the New Testament*, vol 3, pág. 430.

Barclay, por sua vez, assegura: "*Morfê* é a forma essencial de um ser ou coisa que jamais se altera. *Skema* é a forma externa que muda de tempo em tempo e de circunstância em circunstância. Por exemplo, a *morfê* de cada pessoa é a sua humanidade, a qual é constante e nunca muda; porém, o *skema* da pessoa, sua forma externa, muda continuamente. Um bebê, um menino, um adolescente, um jovem, um homem adulto e um ancião têm sempre a mesma *morfê*, porém, o *skema* externo muda continuamente." – *El Nuevo Testamento*, vol. 11, pág. 43.

De acordo com Sabatini Lali, "o sentido destas duas palavras deve ser notado porque revelam o propósito definido que Paulo tinha em mente. A palavra *morfê* significa 'forma' e envolve também a idéia de 'substância' ou 'essência'. A palavra *skema*, por outro lado, tem, entre outros, o sentido de 'forma', 'aparência' e 'figura'". – *O Logos Eterno*, pág. 28.

"*Morfê* aqui denota todas as características e atribuições essenciais de Deus. Nesse sentido, representa a maneira em que as qualidades e características eternas de Deus têm se manifestado. Seja qual for a forma que essa manifestação tenha tomado, foi ela possuída por Cristo, o qual por isso existiu como um com Deus." – *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Día*, vol. 7, pág.154.

Em suma, *morfê* significa poder, glória, majestade, natureza, essência. Essa palavra traduziria bem o sentido de *doxa* (glória) que se encontra em João 17:5. Para o apóstolo Paulo, Jesus é Deus em forma essencial, inalterável e imutável.

Uma nota marginal em minha Bíblia, manuscrita, diz o seguinte sobre Fil. 2:6: "Defendem alguns comentaristas que *morfê*, nessa passagem, foi usada para contrastar com *skema* (forma externa), com o significado de corporificação da natureza essencial."

Concluindo, faço minhas estas oportunas palavras de Homero Duncar: "Esta é uma das afirmativas mais incisivas do Novo Testamento sobre a divindade de Jesus Cristo. Nada nesta passagem ensina que a Palavra Eterna (João 1:1) Se esvaziasse de Sua natureza divina ou de Seus atributos, mas apenas da manifestação externa e visível da divindade. Deus jamais pode deixar de ser Deus." – *Testemunhas de Jeová*, pág. 55. □

Desvio providencial

ALDEN THOMPSON

*Professor de Estudos Bíblicos no
Walla Walla College,
College Place, Washington, EUA*



Na revista *Ministry*, de abril de 1995, Andrew Bates sugeriu que o Concílio de Jerusalém, relatado em Atos 15, poderia ser uma chave bíblica para o dilema da ordenação de mulheres. Seu argumento era no sentido de que se aquele concílio poderia tornar a circuncisão opcional para os gentios, os adventistas também poderiam deixar o assunto da ordenação de mulheres opcional para cada Divisão.

A Assembléia Geral, realizada em Utrecht, em julho do mesmo ano, vetou a idéia. Mas agora algumas questões se levantam diante de nós. Duas delas focalizando sobre o estudo da Bíblia: Como o mundo bíblico fala a nosso mundo? Podemos nós decidir verdades bíblicas através de votação? Outras questões estão relacionadas a alguns temores e preocupações que ainda temos: Será dividida a Igreja? Onde está a guia da providência divina em tudo isso? Então, temos a última questão, simples e prática: Para onde vamos, a partir daqui?

Eu gostaria de comentar brevemente cada uma dessas inquietações, argumentando que o voto tomado em Utrecht e sua implementação representam uma "providencial" mudança de rota; uma estrada temporária que nos leva a refletir sobre o problema real: ordenação. Concluirei este artigo apresentando sugestões práticas sobre onde devemos chegar a partir de tudo isso.

Jerusalém e Utrecht

Em seu trato com o assunto da circuncisão, o Concílio de Jerusalém ilustra uma importante verdade: a possibilidade de existir unidade através da diversidade de práticas. O paralelo entre Jerusalém e Utrecht é apenas parcial, no entanto, porque os limites da Igreja primitiva eram claros: os nossos não o são.

A distinção entre judeus e gentios definiu a solução para o problema da circuncisão. Uma solução que não forçou ninguém a mudar sua prática aceita; somente sua perspectiva. Os judeus poderiam circuncidar, se eles o desejassem, e os gentios tinham uma escolha. O Espírito simplesmente impressionou os crentes no sentido de que, admitindo essa diversidade, poderiam conservar a Igreja unificada. Fácil.

Ao contrário, em nossos dias, o assunto da ordenação parece ser uma selva inexplorada. Nível educacional, social, econômico ou genérico, não ilumina os limites, e boas pessoas nos dois lados da questão citam as Escrituras. O aspecto cultural, de fato, desempenha algum papel. Mas adventistas sinceros são encontrados nos dois lados.

Outro assunto tratado em Atos 15, referente à comida oferecida a ídolos, é comparado bem de perto ao nosso dilema da ordenação. Embora o livro de Atos não enfatize a discórdia sobre alimentação na Igreja primitiva, o que é feito pelo apóstolo Paulo na carta aos coríntios (I Cor. 8 e 10). Os limites não estavam definidos, e o assunto tocava tanto a prática como a perspectiva. O Concílio de Jerusalém não resolveu o problema da alimentação melhor que Utrecht resolveu a questão da ordenação em nossos dias. Nesse aspecto, tanto o dilema da Igreja primitiva quanto o nosso são notavelmente similares.

A verdade votada

O que acontece quando nós enfrentamos um dilema tal como o da ordenação de mulheres? Podem os adventistas determinar a verdade através de uma cédula de voto? Não. Mas nós votamos sobre limites dentro dos quais concordamos viver. A Igreja ne-

cessita de um fundamento sólido e limites claros, se queremos cumprir nossa missão. E, com efeito, possuímos tal fundamento, pois a característica do adventismo tem sido seu apego aos “mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Apoc. 14:12), o verdadeiro coração do compromisso expresso quando nos organizamos como Igreja.¹

O adventismo envolve muito mais, para ser claro; mas nós temos resistido a uma fórmula fixa, preferindo a Bíblia como nosso “único credo”. Esse princípio é claramente mencionado na primeira linha da expressão corrente de nossas crenças fundamentais: “Os Adventistas do Sétimo Dia aceitam a Bíblia como seu único credo e seguro fundamento de suas crenças.”

Mas opiniões sustentadas na base do “tudo ou nada” têm sempre nos ameaçado com certa precipitação para agarrar-nos a detalhes. Em 1888, por exemplo, um irmão exclamava que uma mudança de nossa visão a respeito da carta aos gálatas acabaria jogando fora todas as coisas, nada restando para nossa fé. Ellen White classificou tal declaração de “não verdadeira”, “extravagante”, “exagerada”, e disse mesmo que o assunto com o qual ele estava preocupado não era uma “questão vital”.²

Em 1892, ela falou de forma mais generalizada, dizendo que a unidade da Igreja não poderia depender de uma “visão de cada texto das Escrituras sob a mesma luz”. A votação sobre tais assuntos poderia encobrir a discórdia, mas não poderia extingui-la. O segredo para encontrar soluções é o supremo amor a Deus e de uns para com os outros. Nesse caso, “intensos esforços pela unidade” não serão necessários, pois a “unicidade em Cristo” é o “resultado natural”.³

Em suma, Utrecht nos chama não para fechar nossas Bíblias, mas para abri-las e continuar buscando a vontade de Deus para Seu povo.

Possível esfacelamento

Alguns têm concluído que a presente discussão sobre ordenação poderia cindir a Igreja. Mas se realmente queremos temperar nossa retórica à luz da visão bíblica, o Espírito pode apontar-nos um caminho melhor. O Deus que libertou escravos do Egito e cativos de Babilônia, no passado, fala-nos hoje através de Seu Filho, chamando judeus e

gregos, escravos e livres, homens e mulheres à unicidade nEle (Gál. 3:28).

Mas como isso pode acontecer depois de Utrecht? Eu creio que há uma forma de manter nossa unidade, a qual não envolve a ordenação de mulheres. O voto tomado em Utrecht poderia transformar-se numa “providencial” mudança de rota, levando-nos a encontrar essa forma. Vou explicar.

Tentativas para interpretar a mão de Deus guiando a História, podem algumas vezes colocar os crentes em discordância mútua. Duas posições polares são claras e consistentes: uma Providência que interfe-

O ensinamento do Novo Testamento sobre liderança, inclui o sacerdócio de todos os crentes, não apenas uma classe especial de homens ordenados que dividem sua autoridade com outros

re e planeja cada detalhe; e uma Providência que não interfere, mas deixa o mundo seguir seu próprio curso.

A última posição está enraizada mais no moderno racionalismo do que na Escritura, embora esta ensine que os seres humanos são livres para aceitar ou rejeitar a vontade de Deus. Mas, seriam os erros e maldades parte da vontade de Deus? As várias traduções de Romanos 8:28 refletem alguma incerteza sobre esse ponto. As versões *King James* e *New Revised Standard* dizem que “todas as coisas operam juntas para o bem”, diferente de outras nas quais Deus “causa todas as coisas para operar juntas”; ou “em todas as coisas Deus trabalha para o bem”, implicando que Deus está por trás dos fatos, para transformar o mal em bem.

Isso sugere uma providencial mudança de rota: Deus permite que os seres humanos experimentem alguma confusão, trilhem uma estrada rude, temporariamente. Então, trabalha nessa confusão, e através dela, para o bem. Algumas histórias bíblicas ilustram esse ponto: José, por exemplo, interpretou o ato desleal de seus irmãos como uma providencial mudança de rota: “Vós, na verdade, intentastes o mal contra

mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida.” (Gên. 50:20).

Na horripilante história da concubina despedaçada (Juizes 19 e 20), os israelitas sofreram duas amargas derrotas quando confrontados com os benjamitas, antes de buscarem o Senhor (Juizes 20:8-25). Somente quando eles primeiro buscaram ao Senhor, antes de se concentrarem para a batalha (vs. 26-28), Deus lhes outorgou a vitória. A segunda derrota é tão surpreendente que muitas traduções modernas trocam os versos 22 e 23 (sem apoio dos manuscritos)

para proverem uma seqüência mais lógica. Mas o texto original é claro: uma providencial mudança de rota levou obstinados seres humanos, do mal para o bem.

Quando Paulo e Barnabé discutiram sobre a aptidão de Marcos para o ministério, Paulo escolheu Silas como seu companheiro, enquanto Barnabé preferiu levar Marcos. Uma providencial resposta à (pecaminosa?) rebelião de Paulo gerou duas equipes missionárias em lugar

de uma (Atos 15:36-41). Mais tarde, Paulo foi convencido da utilidade de Marcos como um obreiro (II Tim. 4:11).

A história do adventismo também conhece providenciais mudanças de rota. No Grande Desapontamento de 1844, Deus transformou uma falha inicial de interpretação bíblica, em uma estável convicção da proximidade do advento e da realidade do ministério sacerdotal de Cristo.

A errônea crença de que a porta da graça tinha se fechado para todos os que não entraram para aquele movimento, durante os seus primeiros dias, foi uma providencial trégua para o “pequeno rebanho”, permitindo-lhe tempo para firmar-se nas verdades que Deus lhe estava concedendo para pregar.

A providencial mudança de rota de Utrecht está em boa companhia.

Mas que engano ocasionou a mudança de rota, e como podemos retomar o caminho certo? Acredito que nós erramos ao focalizarmos sobre a ordenação da mulher em lugar da ordenação em si mesma. Quero apresentar mais amplamente assunto como o primeiro caminho em direção à proposta de um plano para o futuro.

Para onde vamos

Embora Atos 15 ilustre notavelmente a unidade que pode ser conquistada na diversidade, não podemos esperar responder todas as nossas questões a respeito de alguma coisa que nem mesmo estava na agenda do Concílio de Jerusalém, isto é, o assunto da ordenação. Mas esse é um assunto para nós e devemos buscar o que a Bíblia ensina a seu respeito.

Evidentemente, essa não é uma questão fácil de ser respondida, pois enquanto nós buscamos e estudamos, também temos de lutar com nossa própria história, nossos sentimentos, além de praticar e avaliar como outras igrejas podem ter-nos influenciado em matéria de ordenação.

A mais alta visão de ordenação é encontrada no catolicismo romano, onde ela é vista como um sacramento (não um símbolo) e como um instrumento comunicador de especial graça àqueles que a recebem. Alguém investido de autoridade passa essa autoridade, um processo que a tradição católica romana supõe ter-se originado no momento quando Cristo deu a Pedro as chaves do reino.

Mesmo quando os protestantes negam o status sacramental da ordenação, como no adventismo, a tradição aceita que aqueles que estão investidos de autoridade transferem-na para outros através da ordenação.

O ensinamento do Novo Testamento sobre liderança inclui a idéia do sacerdócio de todos os crentes, não apenas uma classe especial de homens ordenados que dividem sua autoridade com outros. É oportuno analisarmos algumas passagens bíblicas, começando com Atos 13:1-3, um dos poucos textos que descrevem como a Igreja reconhece o chamado de Deus para o serviço.

Atos 13:1-3. A uma ordem do Espírito Santo, os crentes em Antioquia consagraram Barnabé e Saulo para uma obra especial. Mas a descrição do papel dos crentes é torturantemente breve: "Então, jejuando e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram." (v. 3)

Em vez de líderes humanos servindo como canais do chamado e autoridade de Deus, o Espírito fez o chamado. Então a Igreja, aparentemente como um todo, reconheceu esse chamado pela imposi-

ção das mãos, comissionando, assim, seus líderes. A Igreja também ilustrou o princípio protestante do "sacerdócio de todos os crentes" com a frase da primeira carta de Pedro, onde um irrestrito "sacerdócio real" refere-se a uma "nação santa, povo de propriedade peculiar" (1 Ped. 2:9), isto é, todos os membros do corpo de Cristo.

Como resultado da Encarnação os líderes do Novo Testamento são muito menos autoritários que os do Velho Testamento. Paulo, por exemplo, repreendeu Pedro "face a face" (Gál. 2:11), um ato que poderia custar-lhe a vida, nos dias de Josué (Jos. 1:8). A animada discussão no Concílio de Jerusalém poderia ter sido mais subjugada com Josué no comando.

O ponto inicial é que a superioridade da fé, esperança e amor nada tem a ver com patente ou posição.

Por que a diferença? Porque Jesus transformou a noção de autoridade. As próximas duas passagens mostram como isso aconteceu.

Mateus 20:20-28. Quando a mãe de Tiago e João reivindicou posição de liderança para seus dois filhos, Jesus disse que apenas os gentios exercem autoridade sobre outros. "Quem quiser tornar-se grande entre vós", Ele falou a Seus discípulos, "será esse o que vos sirva." (v. 26). O reino de Cristo foi marcado pela igualdade, não pelo exercício de autoridade de um crente sobre outro.

Mat. 23:8-12. Apego à posição não era exatamente uma doença dos gentios. Em Suas censuras aos fariseus, Jesus condenou a afeição por honra e títulos (vs. 5 a 7). Mas os próprios discípulos foram todos colocados num nível inferior, com apenas um Mestre acima deles (v. 8). A lei do Seu reino é simples: "Mas o maior dentre vós será vosso servo." (v. 11).

No entanto, o Novo Testamento ainda preserva a idéia de hierarquia na liderança da Igreja. Em 1 Cor. 12:28, por exemplo, os primeiros três dons são relacionados por ordem de importância: apóstolos, pro-

fetas e professores. Mas todos os dons são necessários para um corpo saudável. E, ao deixar claro que nenhum mal-entendido como hierarquia de posição deveria existir, Paulo conclui o capítulo com um chamado para se buscar "com zelo, os melhores dons" (v. 31). Os dons mencionados no capítulo 13 não são dons de patentes, mas dons da mente e do coração: fé, esperança e amor. Sendo "o maior deles" o amor.

O ponto crucial é que a superioridade da fé, esperança e amor nada tem a ver com patente ou posição, mesmo se os crentes são tentados a igualar posição com grande santidade. Se os que são chamados ou eleitos para as chamadas maiores responsabilidades, presumem ser mais fiéis, mais justos, mais amorosos, e assim mais santos e próximos de Deus, é somente um pequeno passo para reivindicação de infalibilidade a Deus.

Embora os adventistas não alimentem a idéia de reverenciar seus líderes, mesmo a tendência para fazê-lo preocupava Ellen White.⁴ Ela declarou que "posições elevadas não dão

ao caráter virtudes cristãs".⁵ Como um eco dessas palavras, Lord Acton (1834-1902) disse que "o poder tende a corromper e absoluto poder corrompe absolutamente".

Se o poder é perigoso quando colocado em mãos humanas, o é ainda mais quando reivindicado em nome de Deus. Homens em destacadas posições são justamente os "que estão em perigo de considerar a posição de responsabilidade como evidência de especial poder de Deus".⁶ Posição não torna os homens infalíveis em seu julgamento. Se um líder sente que "ele está investido com autoridade para fazer de sua vontade o poder governante, o melhor e mais seguro curso é removê-lo, para que maior dano seja evitado e ele não perca sua alma, nem coloque em perigo a alma de outros".⁷

Os seguidores correm tanto risco como os líderes. Em 1907, Ellen White disse que era "mais perigoso" para os crentes "dependerem da mente de certos guias obreiros"; do que para o próprio líder supor que era "capaz de planejar e administrar todos os ramos da obra".⁸

Concentração de poder no processo de tomar decisões não implica automática-

mente que seus participantes são melhores ou mais sábios. C. S. Lewis ponderou que a maldade humana é um argumento mais poderoso em favor da democracia do que a bondade humana; pessoas desonestas não se atrevem a dar poder absoluto para um desonesto. Por sua vez, João Calvino declarou que, “em virtude dos projetos e defeitos do homem”, são necessários muitos governantes, cada um checando os excessos do outro.⁹ O modelo administrativo presbiteriano aborda esse perigo ao distinguir anciãos governantes (leigos) dos anciãos que ensinam (clérigos), uma salvaguarda contra a tendência dos que ensinam governar de maneira imprópria.

No trabalho da Igreja, então, a saudável interação relatada em Atos 15 é essencial e está enraizada na visão de liderança implícita em Atos 13, onde toda a Igreja reconhece o chamado do Espírito e os crentes impõem suas mãos sobre os líderes.

Negligenciar esse modelo interativo de liderança eclesiástica significa um real perigo para a Igreja. Ellen White advertiu que a simples tendência de aceitar as propostas dos líderes tem significado a aprovação de muitos assuntos que “envolveram muito mais que foi previsto e muito mais do que aqueles que votaram teriam concordado se houvessem tomado tempo para considerar todos os lados da questão”.¹⁰

Qualquer visão de ordenação que assuma maior santidade para o ordenado impede os crentes de cumprirem seus deveres espirituais para com seus líderes. Ellen White dá um surpreendente vislumbre quando descreve como um obreiro jovem deveria relacionar-se com seu superior: “Ele não deve perder sua identidade na de quem o instrui, de modo que não possa exercer seu próprio julgamento, apenas repetindo o que lhe é dito, independente de sua própria compreensão do que é certo ou errado.” Se o supervisor afasta-se do que é certo, o jovem obreiro não deve ir a “algum fórum exterior”, mas ao próprio superior em seu escritório, “livremente expressando seu pensamento. Assim o aprendiz será uma bênção ao ensinar”.¹¹

Essa é a visão de autoridade no Novo Testamento, que até admite uma confrontação de Paulo com Pedro. Curiosamente, Ellen White não usa o termo “autoridade”

nessa questão, muito menos essa palavra aparece nas três páginas em que trata do assunto no livro *Obreiros Evangélicos*, o capítulo “Ministros jovens trabalhando com ministros mais idosos”. Ensinando, ajudando, respeitando, honrando, trei-

mãos poderia acontecer na igreja local, seguindo o modelo de Atos 13. Esse plano não perpetuaria a visão de ordenação que permite somente clérigos ordenados colocar as mãos sobre os que estão sendo separados para o ministério.

Concentração de poder no processo de tomar decisões não significa automaticamente que seus participantes são melhores ou mais sábios.

nando, fortalecimento, são termos encontrados ali; mas não autoridade.¹² No modelo do Novo Testamento, autoridade simplesmente não é defendida.

Propostas

Concluindo, eu gostaria de sugerir alguns passos para encontrarmos um terreno comum. Nenhuma das seguintes sugestões são novas, mas elas buscam ligar princípios bíblicos com realidades práticas. O tema subjacente é que Jesus é a cabeça da Igreja para todos os crentes, e que pela imposição das mãos, ela reconhece o chamado do Espírito para qualquer membro do corpo de Cristo, judeu ou grego, escravo ou livre, macho ou fêmea. Tudo deve refletir essa igualdade do chamado.

Credencial comum. As credenciais identificam aqueles em quem a Igreja confia. Para os adventistas, emitir credenciais foi o primeiro passo para a organização, uma década antes da organização da Associação Geral, em 1863. Os Campos poderiam continuar emitindo credenciais, como o fazem no presente, mas elas se tornariam uma credencial comum, não conhecendo fator genérico, econômico, ou qualquer outro limite impróprio. Aqueles que desejassem permanecer com suas antigas credenciais poderiam fazê-lo. Mas os obreiros que já estão trabalhando poderiam escolher entre uma e outra; e os recém-admitidos receberiam a nova credencial.

Única imposição de mãos. Poderíamos permitir que pastores, anciãos e leigos partilhassem da imposição das mãos em reconhecimento do chamado de Deus para servir. As credenciais seriam emitidas pela Associação, mas a imposição das

Novo vocabulário. A palavra “ordenação” tem sido embaçada pelo debate e pela prática. A palavra poderia ser inocente quando usada para anciãos locais e diáconos. Mas para pastores, agora implica barreiras não bíblicas e práticas. Assim, poderíamos usar as expressões “credencial” ou “licença” para o

documento emitido pelo Campo, e “comissionamento” ou “dedicação” para a imposição das mãos.

Talvez, quando o significado da imposição das mãos estivesse perfeitamente claro, poderíamos retornar à linguagem de ordenação. Até então, uma cuidadosa nomenclatura nos recordaria e ao mundo o que significa seguir a Jesus.

Resgatar e praticar o ensinamento do Novo Testamento sobre liderança e ministério é uma necessidade urgente no adventismo, há algum tempo. Através da providencial mudança de rota do voto tomado em Utrecht, Deus abriu um dia de oportunidade para nós. Por Sua graça, podemos fazer o que necessita ser feito. Deveríamos começar realizando um estudo compreensivo de todo o conceito de ordenação nas Escrituras. □

Referências:

- 1 “Nós, os abaixo-assinados, por este instrumento nos associamos como uma Igreja, tomando o nome Adventistas do Sétimo Dia, comprometendo-nos a guardar os mandamentos de Deus, e a fé de Jesus Cristo.” — *Review and Herald*, 18:148, 08/10/1861, in “Covenant. Church”, *SDA Encyclopedia* (1996), vol. 10, pág. 416.
- 2 Ellen White, *Manuscrito 24*, 1888, in *The Ellen G. White 1888 Materials*, vol. 1, pág. 220; *White Estate*, 1987, Washington D.C.
- 3 *Idem*, *idem*.
- 4 Três seções em *Testemunhos Para Ministros* são particularmente fortes em advertir contra o perigo do abuso de poder: “Aos irmãos que estão em posições de responsabilidade” (págs. 279-304); “Oficiais da Associação” (págs. 319-346); “Apelo pela verdade e lealdade” (Págs. 347-391).
- 5 Ellen White, *Testemunhos Para a Igreja*, 03/10/1907.
- 6 *Idem*, *Testemunhos Para Ministros*, vol. 9, pág. 277.
- 7 *Idem*, *idem*, pág. 362.
- 8 *Idem*, *Testimonies*, vol. 9, pág. 277.
- 9 C. S. Lewis, “Membership”, in *Weight of Glory*, págs. 113 e 114; New York, Collier Books, 1980. John Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, livro IV, vol. 2, pág. 657, Grand Rapids, Eerdmans, 1964.
- 10 Ellen White, *Testimonies*, vol. 9, pág. 278.
- 11 *Idem*, *Obreiros Evangélicos*, págs. 102 e 103.
- 12 *Idem*, *idem*, págs. 101 e 102.

O adventismo e o princípio *sola Scriptura*

ALBERTO R. TIMM

Diretor do Centro de Pesquisas
Ellen G. White do Brasil
e professor de Teologia no Salt-IAE



A Igreja Adventista do Sétimo Dia surgiu como um movimento profético fundamentado na autoridade normativa das Escrituras. O pleno reconhecimento dessa autoridade gerou um espírito restauracionista, caracterizado pelo rompimento com os componentes antibíblicos dos credos e das tradições religiosas da época e pelo retorno à Palavra de Deus como única regra de fé e prática. Isso resultou no desenvolvimento de um sistema doutrinário estimulado e controlado pelos princípios da exclusividade das Escrituras (*Sola Scriptura*) e da totalidade das Escrituras (*Tota Scriptura*).

Apesar de a Igreja Adventista continuar enaltecendo oficialmente a autoridade das Escrituras, interpretações pessoais têm frequentemente desconhecido os princípios hermenêuticos que deram origem à mensagem adventista e que continuam a fundamentá-la. Se não detectadas e corrigidas quando ainda em estágio embrionário, tais distorções podem facilmente criar um clima especulativo que acaba minando a fé dos crentes e correndo a unidade do corpo de Cristo.

O propósito deste artigo é considerar inicialmente algumas das mais perigosas ameaças contemporâneas à autoridade bíblica, para então apresentar sugestões concretas sobre como restaurar e preservar essa autoridade.

As ameaças

A triste realidade é que tanto o cristianismo, em geral, quanto o adventismo do sé-

timo dia têm se defrontado com sérias distorções hermenêuticas. Grande parte dessas distorções é produzida por bem-intencionados especuladores da Palavra, que conseguem alegoricamente ler no texto bíblico aquilo que ele mesmo não diz. Valorizando mais a criatividade hermenêutica do que o bom senso, esses intérpretes impõem ao texto estruturas quiásticas, aplicações tipológicas e simbolismos numerológicos artificiais, não sugeridos pelo próprio texto. Por mais atrativa que possa parecer, toda interpretação artificial das Escrituras é uma negação do princípio de *Sola Scriptura* e acaba abrindo as portas para uma aceitação descontrolada de conceitos especulativos.

Outra séria ameaça à autoridade da Bíblia é o subjetivismo hermenêutico dos condicionadores da Palavra, que consideram como normativo apenas aquilo com que concordam, relegando ao plano cultural tudo de que discordam. Dessa forma, a Palavra de Deus nunca os consegue disciplinar, pois todo ensino bíblico que não endossa seu ponto de vista é neutralizado pela alegação de haver sido pertinente apenas para a época em que foi escrito. É certo que nas Escrituras existe um constante inter-relacionamento entre princípios universais (fundamentação teórica) e aplicações temporais desses princípios dentro de um determinado contexto sociocultural (contextualização prática). Mas não podemos permitir que nossa cultura ou subcultura oblitere os



princípios universais e a vontade soberana de Deus revelados nas Escrituras.

Além dos especuladores e dos condicionadores da Palavra, existem também os malabaristas hermenêuticos, que saltam de uma passagem bíblica que mais lhes convém para outra, formulando assim compilações tendenciosas que desrespeitam o consenso das Escrituras. Seu interesse geralmente não está nos temas fundamentais da Palavra, mas em áreas periféricas e controvertidas. Demonstrando saber demais sobre temas irrelevantes, e de menos sobre as verdades centrais da mensagem, esses intérpretes desequili-

bram e desvirtuam o balanço temático das Escrituras.

À medida que nos aproximamos do ano 2000, aumenta também o número de meteorologistas proféticos que se julgam qualificados a prever "tempos ou épocas que o Pai reservou para Sua exclusiva autoridade" (Atos 1:7). Alguns deles crêem que não é possível saber o "dia nem a hora" da segunda vinda de Cristo (Mat. 24:36), mas que podemos prever o ano desse evento. Outros alegam, em contrapartida, que o ano deve permanecer como incógnita, mas que podemos datar o mês e o dia de cada um dos últimos acontecimentos,

com base nas festas outonais do calendário religioso judaico. Por mais lógicas e interessantes que possam ser, ambas as teorias acabam não apenas distorcendo o conceito bíblico de vigiar "porque não sabeis o dia nem a hora" (Mat. 25:13), mas também desconhecendo completamente a declaração de Ellen G. White de que "o tempo não tem sido um teste desde 1844, e nunca mais o será".¹

Existem ainda aqueles cuja forma de interpretação profética os qualifica como melhores estrategistas apocalíptico-militares do que exegetas bíblicos. Pretendendo possuir um mais profundo conhecimento da revelação divina, não demonstram qualquer relutância em fazer uma releitura do conteúdo profético-apocalíptico das Escrituras, que se aproxima, em certos aspectos, da escatologia dispensacionalista de Hal Lindsey e de outros autores contemporâneos.² Um especial fascínio parece acompanhar as propostas especulativas de localizar o trono de Satanás no Triângulo das Bermudas, de descrever o Armagedom como uma pretensa III Guerra Mundial entre o Terceiro Mundo e o Grupo dos Sete, bem como de interpretar a "seta que voa de dia" (Sal. 91:5) como uma alusão aos mísseis modernos. Tais conjecturas, por mais lógicas e interessantes que possam parecer, negam o princípio da *Sola Scriptura* e não tomam suficientemente a sério a advertência inspirada de que "é a obra-prima dos enganos de Satanás conservar o espírito humano a pesquisar e conjecturar com relação àquilo que Deus não tornou conhecido, e que não é desígnio Seu que compreendamos".³

Autoridade bíblica

Nos últimos dias, enquanto os ventos do pós-modernismo tentam substituir a autoridade do texto escriturístico pelo subjetivismo pluralista dos seus leitores, Deus terá "sobre a Terra um povo que mantenha", de acordo com Ellen White, "a Bíblia, e a Bíblia só, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas".⁴ Mas o que estaria implícito nesse compromisso com as Escrituras?

A aceitação da autoridade normativa da Palavra de Deus se evidencia no uso equilibrado de pelo menos três princípios hermenêuticos básicos. O primeiro é o princípio da exclusividade das Escrituras (*Sola Scriptura*). Mesmo admitindo que a tradição, a razão e a experiência possam contribuir de alguma forma para a com-

preensão da verdade bíblica, as contribuições providas por essas fontes são válidas e aceitáveis apenas se estiverem em perfeita harmonia com o ensino das Escrituras. Além disso, devemos permitir que o próprio texto nos diga, positivamente, o que ele está dizendo e, negativamente, o que ele não está dizendo. Somente assim poderemos vencer a tentativa de importar para o texto sagrado sentidos que lhe sejam alheios.

Outro princípio básico é o da totalidade das Escrituras (*Tota Scriptura*). Incomodados com a amplitude e a complexidade da verdade bíblica, muitos estudantes da Palavra acabam se tornando parciais e seletivos em suas abordagens. Em realidade, quase todas as heresias e distorções são geradas pela tendência de reduzir a amplitude da verdade apenas a um de seus vários aspectos. Na maioria desses casos, o problema não está tanto no que é dito, mas na parcialidade de apresentar apenas "um lado da moeda". Se o verdadeiro filho de Deus é aquele que procura viver "de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mat. 4:4), e a própria missão do Espírito Santo é guiar os seguidores de Cristo "a toda a verdade" (João 16:13), então temos que aprender a conviver, de forma integrativa, com a amplitude da verdade bíblica (Apoc. 22:18 e 19).

O reconhecimento da autoridade normativa das Escrituras envolve também a aceitação do seu equilíbrio temático. Mesmo aceitando o conteúdo total das Escrituras, corremos o risco de desequilibrarmos nossa gangorra hermenêutica por colocarmos demasiada ênfase em temas periféricos, em detrimento dos temas centrais. Alguns ficam de tal forma impressionados com um determinado assunto (justificação pela fé, eventos finais, reforma de saúde, etc.), que o encaram na prática como a única mensagem digna de ser proclamada. Precisamos redescobrir e reenfatar o inter-relacionamento temático sugerido nas Escrituras, permitindo que os elementos fundamentais da mensagem permaneçam como fundamentais, e que os elementos periféricos permaneçam como periféricos.

Uma manifestação moderna do dom profético, através da vida e obra de Ellen G. White, foi concedida não como substituto à Bíblia, mas como um filtro profético para eliminar as distorções herme-

nêuticas introduzidas pelas tradições humanas. O triplice objetivo desse dom é, de acordo com T. H. Jemison, atrair a atenção para a Bíblia, auxiliar na compreensão da Bíblia e ajudar a aplicar os princípios bíblicos em nossa vida.⁵

Propagando a autoridade das Escrituras

A missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia no mundo não se limita apenas à pregação de certas doutrinas bíblicas isoladas, mas envolve também a restauração dos próprios princípios hermenêuticos que fundamentam essas doutrinas. Como cristãos adventistas, comprometidos com a autoridade normativa da Palavra de Deus, precisamos desenvolver em nós mesmos esse equilíbrio hermenêutico, para então propagá-lo aos que nos cercam.

O simples fato de alguém alegar que sua mensagem está alicerçada nas Escrituras não significa necessariamente que essa seja a verdade. Nem sempre a mais genuína interpretação da Palavra de Deus está com aqueles que mais citam as Escrituras, que memorizaram maior número de textos bíblicos ou que exercem a maior influência acadêmica ou administrativa. O apego à tradição, à veneração dos títulos acadêmicos e o culto à personalidade humana acabam muitas vezes obliterando a objetividade hermenêutica dos estudantes da Bíblia. Precisamos nos desvencilhar desses empecilhos a fim de examinarmos mais detidamente as Escrituras, à semelhança dos cristãos bereanos, "para ver se as coisas" são "de fato, assim" (Atos 17:11).

Como pastores deste movimento profético, precisamos zelar mais detidamente pela honestidade hermenêutica em todas as exposições das Escrituras apresentadas em nossas congregações. Especial cuidado deve ser exercido com respeito a pregadores visitantes que não raramente procuram impressionar os ouvintes com interpretações criativas da Palavra. O fim não justifica os meios, e não é porque as conclusões são ortodoxas que estamos autorizados a aceitar as mais variadas formas de interpretação. Quando a originalidade excede o bom senso, cabe ao pastor e aos oficiais da igreja a sagrada missão de erradicar, com cuidado e simpatia, as distorções semeadas e de promover o equilíbrio doutrinário característico da mensagem adventista.

Mais importante, no entanto, do que corrigir distorções é evitar que elas se ma-

nifestem em nosso meio. De grande proveito seria se o pastor ensinasse preventivamente, aos líderes de suas congregações, os princípios básicos de interpretação bíblica. Nossos membros precisam ser melhor alicerçados sobre os fundamentos inamovíveis da Palavra de Deus.

Mais conhecimento

Somos advertidos de que o tempo está rapidamente se aproximando quando todo vento de falsas doutrinas estará soprando (Efés. 4:14) e quando as pessoas estarão inclinadas a não suportar a "sã doutrina" (II Tim. 4:3).⁶ Não podemos permitir que a fundamentação bíblica de nossa mensagem seja corroída pela obra sorrateira dos especuladores e dos condicionadores da Palavra, dos malabaristas hermenêuticos, dos meteorologistas proféticos e dos estrategistas apocalíptico-militares. Precisamos restaurar e propagar nosso compromisso adventista com os princípios da exclusividade das Escrituras, da totalidade das Escrituras e do equilíbrio temático das Escrituras.

A Igreja precisa de mais ministros e membros de profundo conhecimento bíblico, firmemente solidificados sobre a Palavra de Deus, que manejem "bem a palavra da verdade" (II Tim. 2:15) e que não se deixem levar pelos encantos volúveis das especulações humanas. Se a sacudidura há de sobrevir ao povo de Deus pela "introdução de falsas teorias",⁷ então não existe outra forma de permanecer firme em meio aos vendavais doutrinários dos últimos dias, a não ser alicerçando-nos na Palavra de Deus.⁸ De acordo com Isaías 40:8, "seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente." □

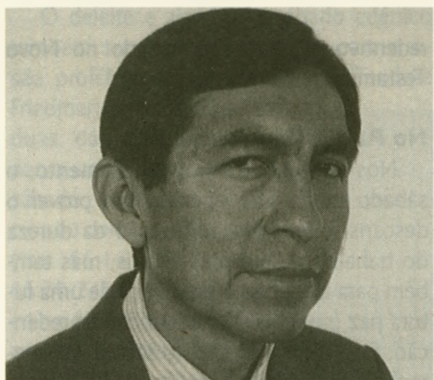
Referências:

- 1 Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, pág. 75; *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, págs. 185-192.
- 2 A teoria escatológico-dispensionalista de Hal Lindsey foi popularizada no Brasil especialmente através de suas obras *A Agonia do Grande Planeta Terra*, 6ª ed. (São Paulo: Mundo Cristão, 1981); *Os Anos 80: Contagem Regressiva Para o Juízo Final* (São Paulo: Mundo Cristão, 1981); e *O Arrebatamento* (Rio de Janeiro: Record, 1985). Críticas às idéias de Lindsey podem ser encontradas em: Alberto R. Tim, "Uma Análise Crítica da Escatologia Dispensionalista de Hal Lindsey" (tese de mestrado, Instituto Adventista de Ensino, 1988); Samuele Bacchiocchi, *Hal Lindsey's Prophetic Jigsaw Puzzle: Five Predictions that Failed!* (Bernien Springs, MI: Biblical Perspectives, 1987).
- 3 Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 523; *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, págs. 169-184.
- 4 Idem, *The Spirit of Prophecy*, (Battle Creek, MI: Review and Herald, 1884), pág. 413, republicado em *O Grande Conflito*, pág. 595.
- 5 T. Housel Jemison, *A Prophet Among You* (Boise, ID: Pacific Press, 1955), pág. 371.
- 6 Ellen G. White, *Testimonies*, vol. 5, págs. 80 e 81.
- 7 Idem, *Testemunhos Para Ministros*, pág. 112.
- 8 Idem, *O Grande Conflito*, pág. 602.

Crescimento equilibrado

OSCAR TUPIÑO

Pastor distrital em Anápolis, GO, na Associação Brasil Central



Dizem as Sagradas Escrituras: "Alarga o espaço da tua tenda; estenda-se o toldo da tua habitação, não o impeças; alonga as tuas cordas e firma bem as tuas estacas." (Isa. 54:2).

É notória a preocupação que alguns pastores têm, quando vão assumir um novo distrito, no sentido de pensar se ocorrerá, ou não, um equilibrado crescimento evangelístico e patrimonial. As duas coisas devem caminhar de mãos dadas. Se enfatizarmos demasiadamente um ponto, estaremos possibilitando um crescimento unilateral, de tal modo fora da normalidade como se alguém andasse com uma só perna.

Temos visto, reiteradas vezes e com desassossego, que após uma campanha evangelística os novos conversos ficam instalados em salões alugados, ou templos de tamanho reduzido e desconfortáveis. Alguns deles já nem são capazes de abrigar a totalidade dos membros antigos que lá se encontravam antes da campanha. No máximo, havia um crescimento aritmético, e não geométrico.

Não é muito comum construir-se primeiramente o templo, e, depois, realizar-se a campanha; embora entendemos ser esse o procedimento mais conveniente. A dificuldade parece residir em motivar os membros da igreja-mãe a dispor seus recursos em favor da construção, para, em seguida, ajudar a manter a série evangelística. Realizar as duas coisas paralelamente seria o ideal, mas isso muitas vezes demanda um gasto maior.

É evidente que resulta muito mais fácil solicitar recursos fora da comunidade eclesial, apresentando a contribuição que o projeto dará aos empreendimentos educacionais, de saúde ou assistência social, que acabarão beneficiando a comunidade como um todo.

No IABC

Tivemos o privilégio de pastorear um distrito especial, durante os anos 1995 a 1997. Trata-se de um distrito escolar, o do Instituto Adventista Brasil Central, nas proximidades de Anápolis, GO. Hoje, avaliando o trabalho realizado, é possível verificar que houve um crescimento vertiginoso, tanto na área evangelística como na área do patrimônio. Como isso foi possível? A seguir, enumeraremos alguns passos que foram dados:

▶ Incentivo a famílias representativas, de outras localidades, a fim de se mudarem para cidades onde não havia presença adventista, ou onde esta era bastante reduzida.

▶ Incentivo aos poucos membros residentes no interior, e treinamento para um maior envolvimento e compromisso com os ideais da missão global.

▶ Apelo e motivação aos pequenos e médios empresários próximos, com o objetivo de obter colaboração financeira para aquisição de terrenos, construção de templos e manutenção de obreiros bíblicos. Conseguindo o apoio, deve ser realizada, com freqüência, uma prestação de

contas e apresentação de relatórios do emprego dos recursos aos doadores.

▶ Busca de construções inacabadas, propondo aos respectivos proprietários a conclusão em troca de um ano de uso sem pagamento de aluguel.

▶ Participação dos membros do distrito no aluguel de casa para o pioneiro, em troca de ajuda ou fortalecimento das igrejas e congregações. Esses pioneiros devem ser autônomos, com renda própria, ou aposentados.

Orientações gerais

Existem outras sugestões, mais generalizadas, que certamente possibilitam o crescimento evangelístico e patrimonial em um distrito. No entanto, elas podem servir também a outras áreas denominacionais:

▼ Peça a Deus um sonho e o visualize.

▼ Procure conquistar a confiança dos irmãos e líderes através da amizade e do atendimento pastoral.

▼ Organize e escreva um plano de trabalho e ação.

▼ Promova o plano e motive a irmandade a integrar-se nele. Anime o povo a trabalhar. Acredite no potencial de sua congregação. Alguns membros farão muito mais do que, às vezes, imaginamos.

▼ Mantenha a igreja informada sobre o andamento dos planos.

▼ Seja permanentemente entusiasta. O povo está atento, observando para ver se seu entusiasmo não é apenas "fogo de palha".

▼ Otimize os recursos ao seu dispor. Aproveite tudo. Faça do limão uma limonada.

▼ Trabalhe em parceria com o povo. Não se comporte como o chefe.

▼ Esteja sempre atento às oportunidades que surgem, quer estejam relacionadas com pessoas ou coisas. Não hesite em aproveitá-las, pois elas passam e podem não voltar mais.

▼ Tente em todas as direções. Algumas tentativas falharão, outras darão certo.

▼ Se nada parecer querer funcionar, crie você mesmo as circunstâncias e direcione-as.

▼ Não faça caso da crítica destrutiva. Seja perseverante e animado.

▼ Quando surgirem os resultados, saiba creditar o mérito a quem de direito corresponde.

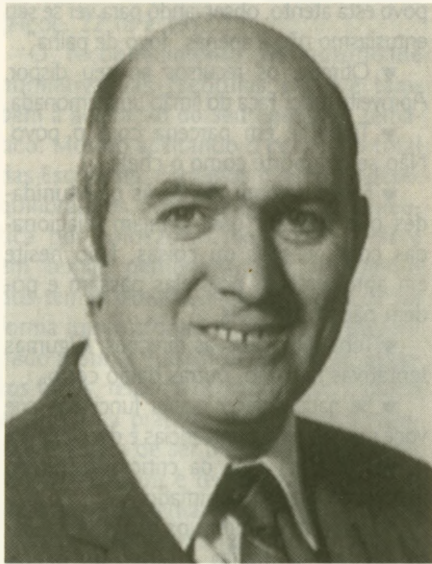
▼ Mantenha-se em comunhão íntima com Deus, em oração constante, continue sendo humilde, canalizando para Ele a honra e o louvor pelas conquistas.

▼ Finalmente, peça a Deus outro sonho e comece tudo de novo. □

O sábado e a salvação

SAMUELE BACCHIOCCHI

Professor de Teologia e História da Igreja, na Universidade Andrews, EUA



O coração humano anela por uma constante reafirmação do perdão divino, aceitação e salvação. Queremos saber: "Será que Deus realmente me perdoou e me salvou?" Na Bíblia, a reafirmação do perdão e da salvação é comunicada não só

verbalmente, mas também através de tipos e símbolos. Circuncisão, sistema sacrificial, batismo, santa ceia e sábado, são todas instituições simbólicas estabelecidas por Deus para ajudar os crentes a conceitualizar e vivenciar a segurança da salvação.

O sábado ocupa um lugar especial entre as diversas instituições concedidas por Deus. É especial quanto à origem, natureza, sobrevivência e função. Essa unicidade do sábado em termos de origem deriva do fato de ter sido a primeira instituição estabelecida por Deus para convidar Seu povo a entrar no gozo do Seu descanso e comunhão (Heb. 4:3-10). Por natureza, o sábado é único por não estar relacionado a objeto material ou lugar acessível a poucos, mas é um dia (tempo) à disposição de qualquer pessoa. Sendo um tempo, o sábado convida os adoradores a vivenciarem a comunhão divina, não através de "objetos sagrados", mas em um tempo que pode ser compartilhado.

O sábado é especial também quanto à sobrevivência em virtude de ter sobrevivido durante os séculos apesar das repetidas tentativas de destruí-lo. E em termos de função o sábado se destaca por ajudar os judeus e os cristãos a conceitualizar, compreender e vivenciar a realidade da obra criativa e redentiva de Deus.

Neste artigo, dividido em duas partes, desejo verificar como o sábado se relaciona com a salvação no Antigo e no Novo Testamentos. A primeira parte examina as tipologias sabáticas da redenção messiânica no Antigo Testamento e na literatura judaica. A segunda parte (a ser publicada posteriormente) vai tratar do significado

redentivo e função do sábado no Novo Testamento.

No Antigo Testamento

Nos tempos do Antigo Testamento, o sábado serviu não apenas para prover o descanso pessoal e a liberação da dureza do trabalho e injustiças sociais, mas também para alimentar a esperança de uma futura paz messiânica, prosperidade e redenção. Essa última função do sábado foi aparentemente inspirada no papel do sábado na criação original de Deus.

O Gênesis não dá informações sobre a observância do sábado por Adão e Eva, antes de sua expulsão do jardim do Éden. Todavia isso fica evidente no quadro de satisfação e perfeição (note as sete repetições da frase "isso era bom", em Gênesis 1) que ele retrata. Especialmente a divina bênção e santificação do sétimo dia (Gên. 2:3) poderiam oferecer ao fiel a base para uma visão da era messiânica.

Os paralelos e equivalências entre o sábado do Gênesis, o primeiro dia de Adão após sua criação e os últimos dias da era messiânica, embora nem sempre bem explícitos, estão implícitos nas fontes bíblicas e extrabíblicas.

Paz e harmonia

A paz e harmonia que existiam entre Adão e os animais no sábado da Criação são restauradas na era messiânica, quando "o lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; e o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará" (Isa. 11:6). Nesse tempo, de acordo com o

mesmo profeta "a Terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar" (Isa. 11:9; cf. Isa. 65:25; Osé. 2:20). Essa visão de uma Terra cheia de paz e do conhecimento de Deus nos últimos dias bem pode ter sido inspirada pela visão dos primeiros dias, dos quais o sábado é o resumo e amostra.

Isso também fica evidente naqueles regulamentos rabínicos sobre o sábado que proibiam matar insetos ou carregar armas nesse dia, pois ele deve representar uma antecipação do mundo por vir. Portanto, essa visão do mundo futuro era inspirada pelo sábado primordial, um dia de paz e harmonia entre as criaturas humanas e subhumanas.¹

Deleite

O deleite e alegria do sábado edênico também serviram de inspiração para a visão profética da era messiânica. Teodore Friedman destaca que "em duas das três passagens nas quais Isaías se refere ao sábado, o profeta as relacionou com os últimos dias (Isa. 56:1-7; 58:13 e 14; 66:20-24)... Não é mera coincidência que Isaías empregue 'deleite' (*oneg*) e 'honra' (*kavod*) em sua descrição tanto do sábado como dos últimos dias (58:13: 'se chamares ao sábado deleitoso e... digno de honra'; 66:11: 'e vos deleiteis com a abundância da sua glória [honra]'). A implicação é clara. O deleite e alegria que vão caracterizar o fim dos dias já está disponível, aqui e agora, através do sábado.²

O deleite do sábado é expresso na tradição judaica pelo brilhar de luzes nesse dia, aliás uma função da dona da casa. A função redentiva do sábado primordial na tradição judaica é impressionante. Visto como um símbolo da redenção primordial, a transformação do caos no cosmos perfeito, o sábado eficientemente tipifica a futura restauração pelo Messias. A tradição das lu-

zes acesas no sábado estava simbolicamente relacionada, tanto com a luz sobrenatural que brilhou durante o primeiro sábado sobre Adão, quanto com a segurança da salvação e a extraordinária luz da era messiânica.

Os profetas divisaram a aparição de uma luz fulgurante no futuro: "A luz da Lua será como a do Sol, e a do Sol, sete vezes maior, como a luz de sete dias." (Isa. 30:26). A comparação com a "luz de sete dias" é certamente uma alusão aos sete dias da Criação, os quais foram, de acordo com o Midrash, distinguidos por uma luz extraordinária, mais brilhante que a do Sol.³

A visão profética da extraordinária luz da era messiânica (Zac. 14:7) deriva mais provavelmente da noção da luz sobrenatural percebida por Adão no primeiro sábado – luz essa que, de acordo com a tradição judaica, desapareceu no final do sábado da semana da Criação, por causa da

desobediência, mas que devia reaparecer na era messiânica.⁴

Descanso

O tema do repouso sabático (*menulah*), o qual "dentro da maneira bíblica de pensar", como explica Abraham Joshua Heschel, "é o mesmo que felicidade e tranquilidade, paz e harmonia"⁵, tem servido como um eficiente símbolo da era messiânica, geralmente conhecida como "últimos dias" ou "mundo por vir".

No Antigo Testamento, a noção de "repouso" é utilizada para expressar tanto as aspirações nacionais quanto messiânicas. Como uma aspiração nacional, o descanso sabático servia para tipificar uma vida pacífica na terra do repouso (Deut. 12:9; 25:19; Isa. 14:3) onde o rei iria conceder ao povo o "descanso de todos os seus inimigos" (II Sam. 7:1) e onde Deus encontraria "repouso" no meio

do Seu povo, e especialmente em Seu santuário em Sião (II Crôn. 6:41; I Crôn. 23:25; Sal. 132:8, 13 e 14; Isa. 66:1).

A relação entre o descanso sabático e o descanso nacional é também encontrada em Hebreus 4:4, 6 e 8, onde o autor fala do repouso do sábado da Criação como um símbolo da promessa de entrada na terra de Canaã. Por causa da desobediência, a geração do deserto "falhou em entrar" (verso 6) na terra do descanso tipificado pelo sábado.

O fato de as bênçãos do repouso sabático jamais terem se realizado como uma condição política de estabilidade e paz representava um desafio ao povo de Deus para ansiar pelo seu futuro cumprimento quando e através da vida do Messias. Na literatura judaica encontramos numerosos exemplos nos quais o repouso sabático e a divisão dos dias em sete são usadas para representar o descanso, a paz e a redenção da era messiânica.

Por exemplo, o Talmude



Babilônico diz: "Nossos Rabis ensinavam: Na conclusão do sábado, virá o filho de Davi. R. Joseph contestou: Mas quantos [sábados] já passamos e ele ainda não veio!"⁶ A era do Messias é geralmente descrita como um repouso sabático. No final do Mishnah Tamid, lemos: "Um salmo, um cântico para o dia de sábado, um cântico para o tempo que virá, para o dia que é um completo descanso de sábado na vida eterna." A experiência do descanso sabático serviu para nutrir a esperança da futura paz e futuro repouso messiânico. A redenção messiânica veio para ser vista, conforme está no Mishnah Tamid, como "um completo descanso de sábado na vida eterna".

Liberdade

A liberdade, libertação e liberação que os sábados semanais e anuais deviam conceder a cada membro da sociedade hebraica também têm servido como uma tipologia eficaz da redenção através do Messias.

No quarto mandamento que aparece em Deuteronômio, o sábado está claramente relacionado com a libertação provida pelo Êxodo, através da cláusula de lembrança: "porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o Senhor, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido; pelo que o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado." (Deut. 5:15).

A relação entre o sábado e o livramento do êxodo pode explicar por que o sábado se tornou ideologicamente relacionado com a Páscoa, a celebração anual da libertação do Egito. Em certo sentido, o sábado se tornou uma "pequena páscoa", da mesma forma que alguns cristãos vêem o domingo semanal como uma "pequena páscoa cristã".

O sábado era um verdadeiro libertador da sociedade hebraica por oferecer o livramento da dureza da vida e das desigualdades sociais, não apenas a cada sétimo dia, mas também a cada sete anos, no ano sabático e a cada "sete semanas de anos" (Lev. 25:8). Essas instituições anuais do sábado se tornaram verdadeiros libertadores dos oprimidos na sociedade hebraica. A terra devia descansar e ser deixada apenas para fornecer graciosamente os produtos para quem vivia na miséria e para os animais. Os escravos eram emancipados e as dívidas dos cidadãos eram remidas. Embora raramente

observados, esses sábados anuais serviram para anunciar a futura libertação e redenção que seria trazida pelo Messias. Uma razão para a função messiânica dos anos sabáticos pode ser encontrada em seus traços messiânicos.

Por exemplo, os sábados anuais prometiam libertação dos débitos pessoais e da escravidão. Tal libertação provia um eficiente símbolo para o livramento

No Velho Testamento, os sábados semanais e anuais serviam para exemplificar e alimentar a esperança da futura redenção messiânica.

que o Messias traria (Isa. 61:1-3 e 7; 40:2). Em sua tese sobre a teologia jubilar do evangelho de Lucas, Robert Sloan mostra como o conceito de perdão (aphesis) do Novo Testamento se derivou largamente da libertação dos débitos financeiros e das injustiças sociais que fazia parte das celebrações dos sábados anuais.⁷ Isso era chamado de "remissão", "remissão do Senhor", "ano da remissão" ou "ano de jubileu" (Deut. 15:1, 2 e 9; 31:10; Lev. 25:10). Na Septuaginta, o termo hebraico para "remissão" (deror) é traduzido como aphasis, que é a palavra do Novo Testamento para "perdão". A frase da Oração do Senhor: "Perdoa-nos as nossas dívidas" (Mat. 6:12) deriva da remissão das dívidas financeiras nos sábados anuais. A libertação sabática das dívidas financeiras e das injustiças sociais chegou a ser vista como prefiguração da futura libertação messiânica da dívida moral do pecado.

Um exemplo é Isaías 61:1-3, onde o profeta emprega a figura da libertação sabática para descrever a missão do Messias, que traria a anistia jubilar e a libertação do cativo. Na segunda parte deste artigo, vamos ver como Cristo utilizou essa compreensão para anunciar e explicar a natureza de Sua missão redentora.

Estrutura do tempo

As características messiânicas especiais dos anos sabáticos inspiraram o uso da estrutura sabática do tempo para medir o tempo da espera pela redenção messiânica. Alguns estudiosos têm chamado

a isso "messianismo sabático" ou "cronomessianismo".⁸

Uma localização clássica do messianismo sabático pode ser encontrada em Daniel 9, onde dois períodos sabáticos são apresentados. O primeiro consiste da profecia dos 70 anos (Jer. 29:10) caracterizados como o tempo para a restauração nacional dos judeus (Dan. 9:3-19) e corresponde a 10 anos sabáticos (10 X 7). O segundo período consiste de "setenta semanas" (shabuim), tecnicamente "setenta ciclos sabáticos", que nos levam à redenção messiânica (Dan. 9:24-27). Esse messianismo sabático é encontrado com frequência na literatura judaica de períodos posteriores. Por exemplo, o Talmude diz: "Elias disse à Rab Judá... 'O mundo não vai existir mais depois de 85 jubileus, e no último jubileu o filho de Davi virá.'"⁹

Redenção messiânica

Esta breve pesquisa do tema do sábado no Antigo Testamento demonstrou que, nos tempos do Antigo Testamento, os sábados semanais e anuais serviam não apenas para prover o descanso físico e libertação das injustiças sociais como também para exemplificar e alimentar a esperança da futura redenção messiânica.

O Rabino Heschel captou vividamente a tipologia do Antigo Testamento a respeito do sábado quando escreveu: "Sião está em ruínas, Jerusalém jaz no pó. Durante toda a semana... não há mais do que esperança de redenção. Mas quando o sábado entra no mundo o homem é tocado imediatamente pela redenção; como se, nesse momento, o espírito do Messias se movesse sobre a face da Terra."¹⁰ A tipologia sabática do Antigo Testamento acerca da redenção messiânica irá nos ajudar a compreender, na continuidade deste estudo, a relação entre o sábado e o Salvador. □

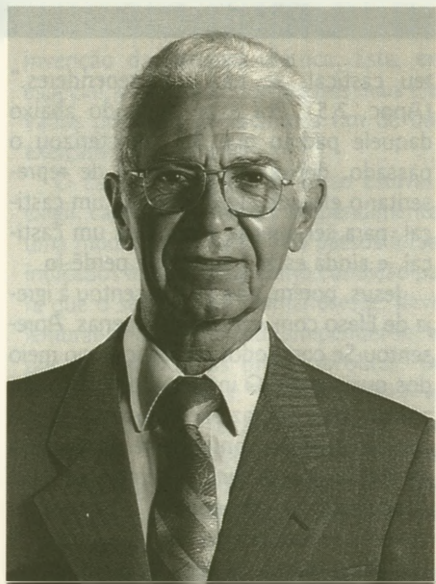
Referências:

- 1 Ver, por exemplo, *Talmude Babilônico*, Shabbath 12a, 12b.
- 2 William G. Braude, trad., *The Midrash on Psalms* (New Haven: Yale University Press, 1959), vol. 2, pág. 112.
- 3 Ver *Bereshith Rabbath*, 3:6; 11:2.
- 4 Ver *The Midrash on Psalms*, vol. 2, pág. 112.
- 5 Abraham Joshua Heschel, *The Sabbath: Its Meaning for Modern Man* (New York: Farrar, Storus and Giroux, 1951), pág. 23.
- 6 *Sanhedrin* 97a.
- 7 Robert B. Sloan, *The Favorable Year of the Lord: A Study of Jubilar Theology in the Gospel of Luke* (Austin: Texas, 1977).
- 8 Ver Bem Zion Wacholder, "Chronomessianism: The Timing of Messianic Movements and the Calendar of Sabbatic Cycles", *Hebrew Union College Annual* 46 (1975): 201.
- 9 *Sanhedrin* 97b.
- 10 Heschel, pág. 68.

O castiçal da igreja de Esmirna

ALMIR A. FONSECA

*Ex-editor de Ministério, jubilado,
reside em Tatuí, SP*



*A*o voltar-se para ver quem era a voz que lhe falava com a potência de um trovão, o apóstolo João viu atrás de si uma figura que, em suas palavras, era “semelhante ao Filho do homem” (Apoc. 1:13); linguagem utilizada nas Escrituras para descrever a pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo. O personagem, que o mandou escrever às sete igrejas da Ásia Menor, mencionadas nominalmente, é descrito pelo apóstolo como sendo possuidor de várias características muito significativas, algumas das quais inerentes ao Seu aspecto físico; outras são títulos honoríficos.

Entre essas características de Cristo, que somam quase uma dezena, estão as de ter na Sua mão direita sete estrelas e andar no meio de sete castiçais de ouro. No último verso do capítulo primeiro do Apocalipse, temos a explicação, dada ao exilado de Patmos, segundo a qual as estrelas são os anjos das sete igrejas, e os castiçais são as sete igrejas. “O mistério das sete estrelas, que viste na Minha destra, e dos sete castiçais de ouro. As sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete castiçais, que viste, são as sete igrejas” (Apoc. 1:20), interpretou Jesus a visão daquilo que contemplava o Seu amado apóstolo. Dessa maneira, cada igreja era um castiçal, e Jesus lhes dava segurança ao andar entre elas.

Um comentário bastante oportuno, a respeito desse quadro contemplado por João, diz o seguinte: “É dito de Cristo que anda no meio dos castiçais de ouro. Assim é simbolizada a Sua relação para com as

igrejas. Ele está em constante comunicação com Seu povo. Conhece seu verdadeiro estado. Observa-lhe a ordem, piedade e devoção. Conquanto seja Sumo Sacerdote no santuário celestial, é apresentado andando de um para outro lado entre as igrejas terrestres. Com infatigável desvelo e ininterrupta vigilância, observa para ver se a luz de qualquer de Suas sentinelas está bruxuleando ou se extinguindo. Se os castiçais fossem deixados ao cuidado meramente humano, sua trêmula chama enlanguesceria e morreria.” – *Atos dos Apóstolos*, págs. 585 e 586.

Identidade

Na sua maioria, as características descritas pelo apóstolo João, referentes a Jesus, servem como uma espécie de identidade de nosso Senhor, ao dirigir-Se Ele a cada uma das sete igrejas. Dessa maneira, dirigiu-Se Ele à igreja de Esmirna, por exemplo, dizendo-Se “o primeiro e o último, que foi morto e reviveu”; e fez com todas as igrejas a mesma coisa, sempre relacionando a identidade com o problema que a igreja estava enfrentando.

No caso de Esmirna, a igreja estava experimentando grandes sofrimentos. Necessitava de uma mensagem que a encorajasse. Não faria muito sentido falar-lhe de coisas que não estivessem relacionadas com a sua realidade. Podia, contudo, entender com facilidade, palavras que retratassem a experiência de Jesus. Dizendo-lhe nosso Senhor que havia morrido e revi-

veu, e que os vencedores não experimentaríamos a segunda morte, como Ele também não experimentou, a igreja de Esmirna deveria sentir-se confortada; e ser fiel até à morte. Como se deu com Esmirna, cada igreja recebeu a mensagem de que estava necessitando.

À igreja de Éfeso, contudo, Jesus Se apresentou com um tipo de identidade que dizia respeito a todas as igrejas. Como vimos, cada igreja era um castiçal. "Os sete castiçais, que viste, são as sete igrejas", explicou Jesus a João. Nosso Senhor, contudo, apresentou-Se à igreja de Éfeso, dizendo-Se ser "Aquele que tem na Sua destra as sete estrelas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro" (Apoc. 2:1). Não poderia ter Jesus falado às outras igrejas da mesma forma que Se dirigiu à igreja de Éfeso? Não eram, todas elas, castiçais? Somente à primeira das sete igrejas, porém, apresentou-Se Jesus assim.

Duas razões poderão ter acontecido para que nosso Senhor tenha agido dessa maneira. A primeira delas é que, sendo a igreja que encabeçava a lista das sete, Éfeso conservava ainda todos os predicados de uma igreja ideal, embora estivesse sendo responsabilizada por uma falta grave. Em segundo lugar, a condição de cada igreja era específica. Os problemas de Sardó e Laodicéia não eram os mesmos. Cada igreja tinha que resolver o seu próprio problema. Vimos que, dizer a Esmirna a mesma coisa que foi dita a qualquer das outras igrejas, não lhe traria os mesmos benefícios. Era preciso falar a cada castiçal aquilo que este precisava saber, a fim de que as circunstâncias fossem alteradas.

Mas, conquanto a igreja de Éfeso pareça, até certo ponto, representar as demais igrejas da Ásia Menor, em face de ter Cristo a ela Se dirigido como "Aquele que tem na Sua mão direita as sete estrelas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro"; e não com uma mensagem só para ela, como se dá com as demais, havia uma queixa divina contra aquela igreja. Por não ter continuado a manifestar o mesmo amor que tivera antes, por Cristo, estava sendo ameaçada de ter mudado "do seu lugar" (Apoc. 2:5); o castiçal que lhe pertencia. E é essa referência a castiçal que justifica ter Jesus Se apresentado como o fez àquela igreja.

Alteração curiosa

É, no mínimo, curiosa essa alteração que parece ter ocorrido na igreja de Éfeso. Ocupando o primeiro lugar na lista



das sete igrejas, deixa ela de *ser* castiçal, para *ter* um castiçal. Quando digo que certa casa é um "brinco", estou querendo afirmar que a casa inteira é bonita; quando, porém, digo que a casa tem um brinco, dou a entender que ela abriga uma jóia dessa espécie que, eventualmente, deve pertencer a alguém que nela mora. O mesmo acontece com a igreja de Éfeso. De acordo com a linguagem da carta que lhe foi enviada, temos a impressão de que ela havia deixado de ser um castiçal, para ser dona de um castiçal. E o futuro do castiçal de Éfeso não era muito promissor. Corria perigo de ser tirado do seu lugar. "Quando não, brevemente a ti virei, e tirarei do seu lugar o

teu castiçal, se não te arrependeres." (Apoc. 2:5). Por estar andando abaixo daquele padrão que lhe caracterizou o passado, deixou aquela igreja de representar o elevado significado de um castiçal, para ser apenas a dona de um castiçal, e ainda estar a ponto de perdê-lo.

Jesus, porém, não Se apresentou à igreja de Éfeso com um castiçal apenas. Apresentou-Se com todos os castiçais no meio dos quais anda. O interesse de Cristo por aquela igreja era fazê-la lembrar-se de sua posição anterior, conforme se pode ver na exortação a ela feita. "Lembra-Te pois donde caíste e arrepende-te", começa dizendo o verso bíblico. Jesus Se dirige à Sua igreja como se essa fosse a única.

Apresenta-Se, portanto, com a totalidade dos castiçais; não com um só, e, este mesmo, sujeito a ser retirado. A figura de Cristo andando entre os sete castiçais de ouro tinha o propósito de fazer com que Éfeso desejasse continuar sendo um daqueles candeeiros. A “desejável” Éfeso devia desejar a posição anterior de castiçal.

Fosse, porém, Éfeso um castiçal ou tivesse um castiçal, o assunto a ela referente era castiçal. Ou, em outras palavras, o problema daquela igreja era iluminação. Daí a ameaça de estar o seu castiçal sujeito a ser tirado do seu lugar. A igreja ainda tinha um castiçal que continuava no lugar aparentemente indicado. Suas obras, seu trabalho, paciência, a intolerância para com os que se diziam apóstolos sem o serem, e muitas outras práticas recomendáveis, levadas a efeito em nome de Cristo, indicavam que o castiçal daquela igreja ainda continuava no lugar. O afastamento do primeiro amor, porém, colocava em perigo a posição do castiçal.

Poucas coisas há mais destituídas de sentido do que um castiçal, candeia, lâmpada ou qualquer outra fonte de luz, colocados em lugar errado. No Sermão da Montanha, Jesus comparou Seus seguidores com a luz: “Depois de afirmar que eles são a luz do mundo (Mat. 5:14), fez um comentário que sugere haver para uma candeia – objeto destinado a iluminar – um lugar específico. “Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa” (Mat. 5:15), disse Ele. A figura usada por Cristo, para mostrar que os objetos criados com a finalidade de fornecer iluminação devem ter lugar certo, continua válida, mesmo depois da invenção da lâmpada elétrica. Esta, em especial, é instalada nos lugares mais elevados possíveis do recinto a fim de que exerçam a sua função.

O castiçal da igreja de Éfeso estava a exigir, caso não houvesse arrependimento, uma mudança de lugar. Três passos foram indicados àquela igreja como condição para que o seu castiçal permanecesse: devia lembrar-se de onde caiu; arrepender-se; e, por fim, praticar as primeiras obras. Do contrário, disse Jesus: “Brevemente a ti virei, e tirarei do seu lugar o teu castiçal.” Logicamente, a verdadeira razão mencionada, para disciplina tão rigorosa, era o fato de a igreja não mais estar possuída de seu primeiro amor.

É evidente que o Senhor Jesus não está

aqui ansioso por tirar do seu lugar o castiçal da igreja de Éfeso. Como sempre, Seu propósito, ao recomendar que a igreja dê os três passos mencionados, era mostrar que ela ainda continuava uma igreja “desejável” aos olhos dAquele que não Se compeza com a morte dos que dEle se afastam; deseja sua reabilitação.

Entre os castiçais

Na mensagem enviada à igreja de Éfeso, fica implícito que Jesus queria falar da centralização do amor. Tanto na apresentação que Cristo faz de Si mesmo, como na promessa ao vencedor, que Ele faz à igreja, vê-se esse propósito. Quando ordenou a João que dissesse quem estava falando, Jesus mencionou “Aquele que anda no meio dos sete castiçais de ouro.” Em lugar das palavras “no meio”, Jesus poderia ter dito “no centro”. Este é o lugar no qual o Salvador deseja estar, e onde quer andar, trate-se de igreja ou indivíduo. A recomendação feita ao doutor da lei sugeria que o amor deve ocupar o centro das afeições. Jesus deseja ser amado dessa maneira; por isso, apresentou-Se “no meio” das igrejas; em especial, no caso da igreja de Éfeso.

Essa idéia de centralização fica também caracterizada, como já foi mencionado, na promessa feita ao vencedor. Embora nem todas as versões da Bíblia utilizem as mesmas palavras, ao citarem essa promessa, a Almeida antiga assim garante aos vitoriosos: “Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus.” (Apoc. 2:7). Também nessa promessa, encontramos as duas palavras: “no meio”.

Tão grande é a coincidência dos dois vocábulos, tanto na identificação que Jesus faz de Si mesmo, como nessa promessa, que temos a impressão de que Cristo estava querendo ligar as duas coisas, quando examinamos o texto bíblico. Na verdade, seria até apropriado pensar assim, caso a relação com a identificação não fosse o castiçal. Sobre este é que Jesus falou de maneira objetiva, à semelhança do que fez com todas as sete igrejas, quando falou do problema destas; a identificação está sempre relacionada com a virtude ou o defeito de cada igreja. Mas existe também alguma ligação entre a promessa e a identificação, no caso de Éfeso. A igreja parecia estar deixando de gravitar em torno de Cristo, e tudo o que lhe chamasse a atenção para essa espécie de gravitação contribuiria para os acertos que ela precisava sofrer.

Deve-se notar que, entre as perdas ou ganhos mencionados no último capítulo do Apocalipse, os que se referem ao direito ou à perda da árvore da vida aparecem de maneira muito acentuada. Em Apocalipse 22:14, são chamados bem-aventurados os que lavam as suas vestes no sangue do Cordeiro, para que tenham direito a ela; e, no verso 19, o leitor fraudulento é ameaçado de perder a sua parte nessa árvore. Ela, como foi dito ao vencedor da igreja de Éfeso, está “no meio” do paraíso de Deus. Suas ramagens balançam, acenando com a vida eterna ao vitorioso.

Enquanto esse momento maravilhoso não viesse, porém, a igreja deveria preocupar-se com o seu castiçal. Era esse que se achava em perigo. Caso a lembrança da igreja de Éfeso não fosse capaz de voltar até ao ponto do qual havia caído, o fim do seu castiçal havia chegado.

Trabalho e amor

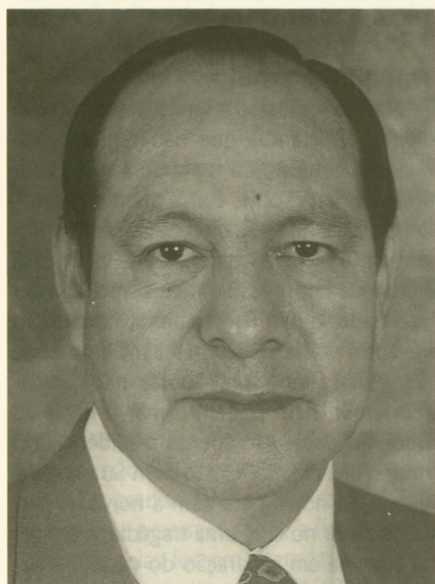
Não sabemos se a igreja ouviu o apelo divino. Esperamos que não tenha continuado a confundir a folha de serviço com primeiro amor; pois, como disse o apóstolo Paulo, “ainda que distribuisse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria” (I Cor. 13:3). Como disse Roy Allan Anderson, “obras não produzem amor, nem podem tomar o lugar do amor. As obras são apenas a evidência do amor. A relação de Cristo com Sua igreja é igual à do noivo para com a noiva. A perda do amor no lar é uma tragédia, e em geral termina em separação do casal”. – *Revelações do Apocalipse*, pág. 27.

A ameaça ao castiçal da igreja de Éfeso, deixa-nos uma lição que não pode ser facilmente esquecida. Aqueles que se dedicam às atividades espirituais da igreja, como distribuição de literatura, participação em campanhas missionárias, ou mesmo na edificação de templos para Deus, por certo fazem algo valioso. Se feitas, porém, essas coisas para glorificação própria, em lugar de o serem como demonstração de amor a Deus, estão sujeitas a condenação, como se deu com a primeira das sete igrejas. Todas as boas obras de Éfeso perderam o seu brilho, porque o primeiro amor deixou de existir. Seu castiçal estava a ponto de ser tirado do lugar. Jesus queria não só que o castiçal de Éfeso permanecesse no seu lugar, mas que toda a igreja fosse novamente castiçal. □

Pregação com autoridade

ALEJANDRO BULLÓN

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana da IASD



Contribuição do autor

Nestas terras latino-americanas, de herança eminentemente católica, o povo tem um respeito quase natural pela religião. Nem o secularismo em voga é capaz de impedir, por exemplo, que milhões de pessoas corram de todas as partes do Brasil para ver e ouvir o papa, no Rio de Janeiro. O sacerdote é visto quase como um deus.

Nós os pastores não somos deuses, nem semideuses; mas podemos ter a certeza de que cada vez que nos levantamos para pregar, as pessoas esperam ouvir a Palavra de Deus. Há muitas pessoas que só aparecem na hora da pregação e, às vezes, esse é o único contato que elas têm com a igreja, sendo também a única oportunidade que o pregador tem para alcançá-las com o evangelho.

No entanto, alguma coisa não está dando certo, porque muitas pessoas acabam voltando para casa frustradas e vazias. A pregação está perdendo poder e autoridade. A mídia de nossos dias ridiculariza o pregador e, em consequência, a incredulidade parece tomar conta do povo e a timidez se apodera do pregador. Qual é o motivo para a perda de autoridade do púlpito moderno? A revista *Christianity Today* apresentou, alguns anos atrás, o resultado de uma pesquisa da agência Gallup, segundo a qual os ministros reconheciam a pregação como a primeira entre as suas prioridades, mas, ao mesmo tempo, consideravam que era uma das atividades que temiam não estar sendo bem desempenhada.

Um pregador que não tem certeza da santidade e solenidade de seu ministério dificilmente pregará com autoridade; e, se como diz Philip Brooks, "pregar é comunicar a verdade divina através da personalidade humana", então o pregador, apesar de humano, deve estar consciente de que ele não é um simples orador e de que sua mensagem não é um simples discurso.

E mais: personalidade é o que o pregador é. Nenhuma personalidade no mundo é igual à outra. Portanto, o pregador precisa ser consciente de que Deus pode usá-lo com autoridade, apesar das limitações que ele possa ter. Com suas características, com seu modo de ser, com sua voz e com sua aparência física.

O ministro será um pregador consciente de sua autoridade, na medida que olhar para Jesus e deixe de olhar para outros pregadores, sendo tentado a sentir-se inferior ou superior a eles.

Preparação

O pregador precisa conhecer-se e aceitar-se como é. Seja você mesmo e peça a Deus que o ajude a desenvolver-se. Nada de procurar imitar outros pregadores, mas aprender deles tudo o que puder. Não fique

insatisfeito e reclamando porque não recebeu dons que outros pregadores receberam. Houve um tempo em que eu pensava com meus botões: "Se Deus sabia que eu ia ser um pregador, por que não me deu uma voz mais grave e forte?" Até que um dia um colega se aproximou de mim e disse: "Sabe, Bullón, quando você começa a pregar com essa voz fraca e quebrada, já de início começa a tocar o coração das pessoas." Nunca eu tinha percebido esse detalhe, mas aí está um exemplo de como são as coisas quando Deus quer usar um instrumento humano para levar Seu evangelho adiante.

A consciência de nossa autoridade no púlpito talvez seja mais clara se observarmos as três palavras mais importantes para definir a pregação, segundo o idioma grego: *Evangelizomai*, que significa "anunciar as boas novas"; *Kerusso*, que quer dizer, "proclamar como um arauto", e *Martureo*, que significa "ser testemunha".

Noutras palavras, pregar nada mais é do que anunciar as boas novas, com a autoridade de um arauto que viveu essas boas novas. Diferentemente do arauto que anuncia a mensagem que recebeu, o pregador deve anunciar a mensagem que viveu. Em matéria de pregação, o mensageiro é parte da mensagem. Isso significa que, para existir um pregador com autoridade, Deus tem que inicialmente preparar um mensageiro que, através do estudo pessoal e da experiência, prepare por sua vez a mensagem. Afinal, pregar não é somente o que fazemos; é o que somos. Para preparar um pregador, Deus necessita primeiramente preparar um ser humano.

Martinho Lutero costumava dizer que o que faz um pregador são a oração, a meditação e a tentação. Através da oração, ele procura o poder que vem do alto. Confessa sua insignificância, pequenez e suas limitações, colocando tudo isso a serviço do Mestre. Através da meditação, o pregador rece-

be de Deus a mensagem de Sua Palavra e as maravilhas do evangelho que a humanidade precisa. Mas é através da tentação, isto é, através da vida diária e da experiência, que a mensagem se faz simples e compreensível para os ouvintes.

Tudo o que acontece na vida do pregador, seja bom ou ruim, é parte de sua preparação para apresentar a mensagem de forma humana.

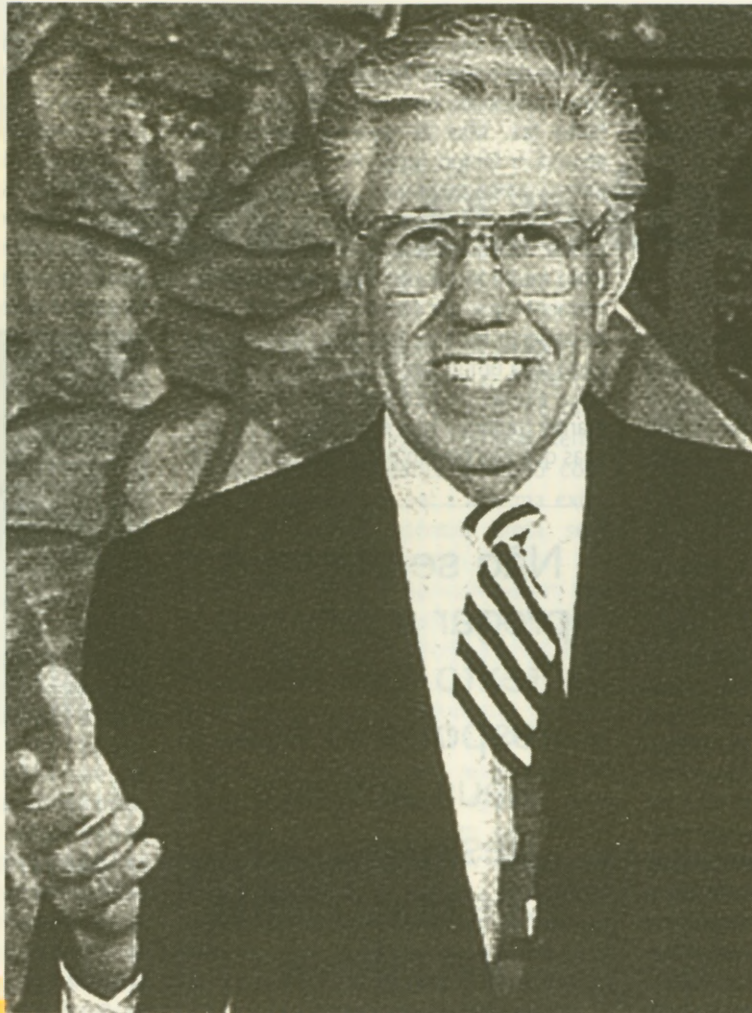
Pouco tempo atrás, preparava-me para a Rede 97, uma semana evangelística transmitida via satélite para vários continentes. Faltando exatamente dez dias para começar o trabalho, comecei a sentir uma dor terrível no estômago. Resisti até onde pude e, finalmente, fui ao hospital para ser submetido a uma cirurgia. Em minha humanidade, pensei que isso atrapalharia a cruzada evangelística, mas estava enganado. Deitado no leito do hospital, li uma frase maravilhosa de Warem Wierske: "As experiências pelas quais nós, os pregadores, passamos, não são acidentes; são compromissos marcados. Elas não interrompem nosso preparo, pelo contrário, são parte essencial dele."

Ali mesmo e, mais tarde, nas mãos do médico, entendi minha dependência de Deus. Alguns dias depois, saí do hospital. Fraco ainda no corpo, mas poderoso em minha insignificância e dependência de Deus. Agora, sim, estava pronto para iniciar a cruzada evangelística.

Tipos de sermão

Mas a autoridade na pregação não depende apenas da consciência que o pregador tem de sua missão e de seu preparo para desempenhá-la. Também depende da origem de sua mensagem. O que fazer então para que as pessoas se sintam alimentadas com a pregação? Como elaborar um sermão de modo que as pessoas encontrem nele soluções divinas para suas inquietudes humanas?

Os estudiosos de pregação classificam os sermões em vários tipos, dependendo



vistas missionárias e precisava de um texto bíblico para reforçar seus argumentos. De posse de uma concordância bíblica, procurou a palavra "vender". Não foi muito difícil achar as palavras de Jesus dirigidas ao jovem rico: "Só uma coisa te falta: Vai, vende..." (Mar. 10:21). Aí estava o verso que ele precisava. Não se importou com o contexto, nem perguntou o que Jesus estava pedindo que o jovem vendesse. Ele simplesmente acomodou o texto à sua intenção de levar a igreja a vender livros missionários, e ainda enfatizou: "Devemos vender tudo, inclusive livros e revistas missionárias."

Na pregação temática, o pregador nem sempre parece preocupado com o texto, com a mesma intensidade com que se preocupa com o tema. É o tema o que interessa. A Bíblia somente é usada para reforçá-lo. Esse tipo de pregação não tem muito poder, porque as idéias básicas do sermão não nascem na mente divina, nem são tiradas do texto bíblico. Podem ser idéias muito boas, bem-intencionadas e espirituais,

mas nascem na mente do pregador e, portanto, carecem da autoridade divina.

O sermão poderoso e que dá autoridade ao pregador é o sermão que sai da Palavra de Deus. Os estudiosos o chamam de sermão textual, bíblico ou expositivo. Andrew Blackwood, famoso professor de homilética, define inúmeras variações do mesmo. Ninguém precisa conhecer tudo isso para ser um pregador poderoso. Basta saber que esse é o tipo de pregação que Deus quer que seja utilizado. Quando Paulo aconselhou o jovem Timóteo, foi categórico: "Prega a palavra..."

Para preparar um sermão bíblico, o pregador precisa ir à Bíblia, com humildade e despojado de suas idéias preconcebidas. Deve, em espírito de oração, abrir o texto bíblico e analisá-lo inicialmente no seu contexto histórico. Quem escreveu isto? Para quem o escreveu? E, finalmente, a grande pergunta: O que Deus está querendo dizer para mim, hoje, neste texto? Como pode ele ajudar-me a solucionar meus problemas cotidianos, no

da forma, do estilo, da construção do texto, ou da orientação do conteúdo. Eu quero mencionar apenas os dois tipos mais comuns, e dizer porque um deles é a única resposta para a falta de autoridade que ameaça o púlpito em nossos dias.

O primeiro tipo de sermão é o temático. Como o seu nome diz, ele nasce a partir do tema. O pregador escolhe primeiro o tema, depois busca em sua própria experiência os pensamentos básicos do assunto. Pergunta-se para si: "O que quero dizer para a minha igreja?" Depois, vai à Bíblia em busca de apoio divino para seus pensamentos humanos. O melhor instrumento para conseguir versos bíblicos que dêem sustentação às suas idéias é, geralmente, uma concordância bíblica.

Mas o sermão temático leva muitas vezes o pregador a desrespeitar o contexto. O sermão deixa de ser um sermão e corre o perigo de tornar-se um estudo bíblico preconcebido.

Conta-se a anedota de um pregador que queria levar sua igreja a vender livros e re-

trabalho, na família e na minha vida pessoal? Se o texto tiver uma resposta para o pregador, certamente terá também para os seus ouvintes. Se ele não diz nada, esteja certo, também não dirá coisa alguma para a congregação. Não se atreva a pregar sobre um texto que não respondeu aos seus anseios pessoais, por mais que o tema lhe pareça extraordinário.

Trabalhando com o texto

Existem muitos pregadores que consideram difícil elaborar e pregar um sermão bíblico, e acho, particularmente, que o problema está nos muitos tratados de pregação expositiva que foram escritos. A verdade é que a técnica é boa, mas o tecnicismo destrói a beleza e estraga a naturalidade das coisas. Não se desanime ao ler um livro técnico sobre pregação expositiva. Tome o que é básico e o adapte à sua personalidade. Coloque seu estilo. Aplique sua própria experiência e crie seu modo pessoal de pregar. Se sua personalidade não brilhar através de sua pregação, você não passa de um robô. Poderia ser substituído por uma fita cassete e talvez ninguém o perceberia.

Levei muitos anos para entender isso. No início do meu ministério, tentava seguir passo a passo todas as técnicas aprendidas nos livros. Levantava-me no púlpito, lia o texto e quando começava a fazer o que os mestres chamam "análise do texto", as pessoas dormiam, bocejavam, olhavam para o relógio, e as crianças se mostravam impacientes. Aquilo me desanimava. Algo devia estar errado, mas eu estava seguindo o que aprendera nos tratados de pregação expositiva.

Certo dia, depois da pregação, um homem me abraçou chorando e disse: "Pastor, por favor me ajude. Ore por meu filho. Já não sei mais o que fazer com ele. Há muitos anos, quando ele nasceu, minha esposa e eu o apresentamos ao Senhor, nesta mesma igreja; sonhávamos vê-lo crescido e útil a Deus. Mas hoje ele está no leito de um hospital porque foi atingido numa troca de tiros com a polícia." Acho que foi aí que Deus me despertou. Eu tinha diante de mim um pai desesperado, que não sabia mais o que fazer para resgatar o filho que afundava no pecado. Aquele homem tinha ido à igreja esperando alguma solução divina para sua desesperada situação, e eu, o pregador, tinha gasto os 15 minutos iniciais do meu sermão descrevendo como era a geografia do Mar Morto, a densidade de suas águas e a história das guerras de Israel.

Hoje, não gasto mais tempo fazendo uma análise fria do texto. Entro na aplicação desde o início. A análise vai entretida na aplicação, ou a aplicação na análise, tanto faz. Mas as pessoas permanecem atentas o tempo todo. Ao longo do sermão, vou apresentando dados da análise relacionadas diretamente com aplicações para a vida diária dos ouvintes, e isso tem dado muito resultado. Diria mais, creio firmemente que um sermão expositivo, puro no aspecto técnico, tem lugar quando pregado para um grupo de pastores, professores e alunos de teologia, mas não para a grande multidão que é formada pelas pessoas que nos ouvem pregar semanalmente.

Não se atreva a pregar sobre um texto que não respondeu aos seus anseios pessoais, por mais que o tema lhe pareça extraordinário.

Na vida diária de um pregador, isso pode funcionar como a receita de um prato e o prato em si. A receita pode dizer uma coisa, mas a experiência diária ensina ao chefe a criar suas próprias variantes, e aí está a grande diferença. Tenha sempre presente que, na elaboração do sermão, a vida e a experiência diária o levarão a criar seu próprio estilo e técnica.

Muitos jovens pastores me perguntam como preparo meus sermões. Em minha vida, tenho dois momentos de estudo da Bíblia: o devocional e o profissional. Nos momentos de devoção pessoal, abro o livro sagrado para alimentar-me. O Senhor é o meu pastor e eu sou a ovelha. Peço-Lhe que me leve aos verdes pastos de Sua Palavra, tento achar respostas para a minha própria vida como ser humano, como esposo e pai; tento buscar jóias preciosas no garimpo da Palavra divina, jóias que tragam ânimo e coragem para a minha vida diária.

Às vezes, nesse estudo, encontro uma passagem da qual imagino que poderia sair um sermão. Então, anoto-a num papel, à parte, e continuo com minha devoção pessoal.

Meu estudo profissional da Bíblia é outra coisa. Nele, tomo a passagem que anotei antes e começo a trabalhar com ela. O primeiro passo que dou é ler o capítulo inteiro e, às vezes, os capítulos anteriores e posteriores. Isso me dá uma visão do contexto. Pode haver ocasiões em que é necessário ler o livro todo, como no caso de Jonas.

Depois, tomo um papel e anoto as idéias homiléticas que o texto forneceu. Esse é um processo que pode levar dias, semanas, meses e até anos. É o caso da passagem de Gênesis 1:1 a 3, por exemplo, sobre a qual ainda não preguei, mas estou trabalhando há muito tempo. Nesse segundo passo, vou acrescentando em cada período de estudo uma ou duas idéias homiléticas, até chegar o momento em que tenho a impressão de que a mina se esgotou. É aí que, num terceiro passo, busco os escritos de Ellen White. Leio todos os comentários que ela fez sobre o texto em consideração, o que me ajuda a acrescentar algumas idéias mais.

O quarto passo é investigar os comentários bíblicos. Às vezes, esse é um momento doloroso, porque, à luz dos comentários, percebo que muitas idéias homiléticas que eu havia encontrado não têm sustentação teológica. Então, por mais extraordinárias que me pareçam, deixo-as de lado.

Depois de todo esse processo, fico com as idéias que formarão a estrutura de meu sermão. Escolho apenas quatro delas, dependendo da orientação que o Espírito de Deus me inspira para o tema. O estudo do texto me proporciona, às vezes, até 20 idéias homiléticas, mas sempre escolho apenas quatro. As outras me ajudarão a pregar sermões com outras orientações, partindo do mesmo texto.

Hoje, quando volto os olhos para trás, tenho de agradecer a Deus pela maneira maravilhosa como tem me guiado no ministério de Sua Palavra. Recebo centenas de cartas que expressam gratidão a Deus em virtude da mudança operada na vida de muitas pessoas. Sei que a transformação experimentada é fruto da pregação com autoridade, utilizada como um poderoso instrumento nas mãos de Deus para alcançar esses indivíduos.

Como pastores, necessitamos continuar permanentemente crescendo no benedito ministério da pregação. □

Novo rosto



Desde sua primeira edição, a revista Ministério sempre conservou o mesmo tamanho e as mesmas cores preta e branca. Portanto, esta é uma edição histórica. Com novo rosto, capa colorida e um novo tamanho, Ministério aparece hoje renovada, acompanhando o ritmo de mudanças de um leitor cada vez mais exigente, e de um mundo de publicações cada vez mais aprimoradas.

E já que estamos falando de rosto novo, pensemos um pouco na cirurgia plástica. Afinal, um rosto novo somente possui algum significado quando é o reflexo de uma mudança interior.

Outro dia, enquanto conversava com um cirurgião plástico, meu amigo, ouvi a seguinte observação de sua parte: "Sabe qual é o problema com as pessoas que me procuram para embelezar o rosto? Elas confundem as coisas. Muitas acham que o que está faltando é uma cirurgia plástica no rosto, mas ignoram que uma operação desta só tem algum valor se for acompanhada de uma cirurgia plástica no coração."

Isso pode ser aplicado a tudo na vida, inclusive à vida espiritual. Reavivamento e reforma, por exemplo, são duas coisas que andam juntas. Reforma sem reavivamento é o mesmo que fazer uma cirurgia plástica para renovar o exterior, enquanto o coração perma-

nece cheio de amargura e frustrações. E reavivamento sem reforma é romantismo barato, que não vai além de uma música emotiva ou duas lágrimas derramadas. O reavivamento genuíno conduz de maneira natural a reforma exterior. E a reforma autêntica brota, sem pressões, do reavivamento interior.

Diz Ellen White: "Precisa haver um reavivamento e uma reforma, sob a ministração do Espírito Santo. Reavivamento e reforma são duas coisas diversas. Reavivamento significa renovamento da vida espiritual, um avivamento das faculdades da mente e do coração, uma ressurreição da morte espiritual. Reforma significa uma reorganização, uma mudança nas idéias e teorias, hábitos e práticas. A reforma não trará o bom fruto da justiça a menos que seja ligada com o reavivamento do Espírito. Reavivamento e reforma devem efetuar a obra que lhes é designada, e no realizá-la, precisam fundir-se." (R&H, 25/02/1902).

Pergunto então: Por onde deveríamos começar o trabalho de reformar vidas? O elemento catalizador aqui é o amor. Quando realmente amamos, queremos e realizamos mais. Vivemos para fazer feliz a pessoa amada. E se alguém na igreja não vive os elevados princípios de vida ensinados por Jesus Cristo, é simplesmente porque não ama.

O amor possui um magnetismo extraordinário. O amor cativa, conquista e finalmente gera mais amor.

Jesus morreu pela humanidade demonstrando a imensidão de Seu amor. No entanto, apesar de tudo o que Ele fez pelo ser humano, se este ainda vive egoisticamente apenas para agradar seus sentidos, deve ser porque, entre outras coisas, não compreendeu o amor de Jesus.

Aqui está um desafio para nós, ministros: fazer com que o ser humano compreenda o amor escrito com sangue, na cruz do Calvário. Pouco ajudará querermos reformar a vida de pessoas que não compreenderam o evangelho em sua simplicidade.

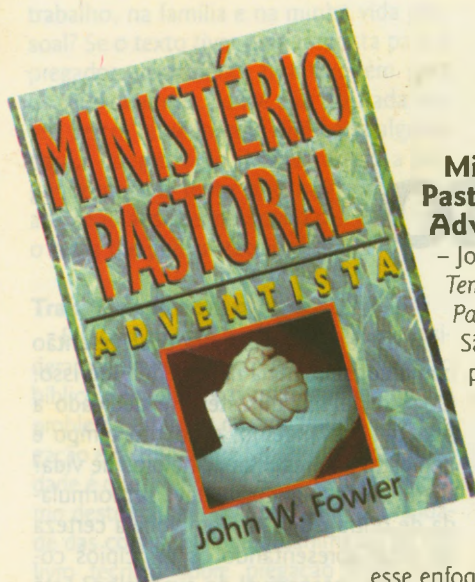
Uma segunda pergunta aparece então como conseqüência natural de tudo isso: Quanto de seu ministério é dedicado a explicar o evangelho, e quanto tempo é dedicado a apresentar princípios de vida? Bem, talvez a pergunta deva ser formulada de outra maneira: Tem você a certeza de estar apresentando os princípios como parte inseparável do evangelho? Está seguro de que está explicando o evangelho como a maravilhosa obra realizada por Cristo, a fim de que os princípios sejam eternos no coração do homem?

Lembre-se de que, quando Cristo Jesus voltar à Terra, Ele não virá buscar uma simples mulher "sem mácula, nem ruga, nem qualquer coisa semelhante". Ele virá buscar uma esposa querida, amada, feliz, e, ao mesmo tempo, "gloriosa, sem mácula, nem ruga, mas santa e irrepreensível" (Efés. 5:27).

Como escreveu Ellen White, "não há coisa alguma que Satanás tema tanto como que o povo de Deus desimpeça o caminho mediante a remoção de todo impedimento, de modo que o Senhor possa derramar Seu Espírito sobre uma languesciente igreja e uma congregação impenitente. Se Satanás pudesse fazer o que ele queria, nunca haveria outro despertamento, grande ou pequeno, até ao fim do tempo. Não somos, porém, ignorantes de seus ardis. É possível resistir-lhe ao poder. Quando o caminho estiver preparado para o Espírito de Deus, a bênção virá. — *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 124.

No que compete à Associação Ministerial, tudo será feito para que a reformulação exterior de nossa revista seja a expressão da mudança na orientação e praticidade dos artigos. Mas ficaremos orando, também, para que a reforma interior, necessária e urgente, na vida de cada membro da igreja e de cada pastor, seja também a expressão de algo maravilhoso que o Espírito Santo esteja operando no coração de todos. — *Alejandro Bullón*. □

LIVROS

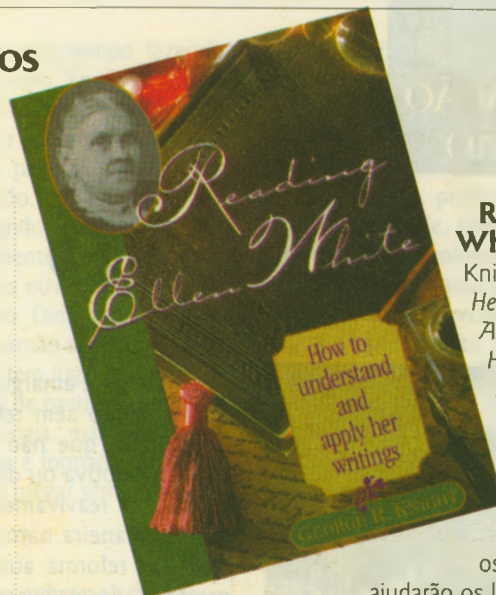


Ministério Pastoral Adventista

– John Fowler, Editora Tempos (Federação Paulistana da IASD), São Paulo, SP; 192 páginas.

“O bem-estar e o sucesso da Igreja repousam grandemente nas mãos do pastor local.” Com

esse enfoque, o Pastor John Fowler desenvolve sua obra de uma forma analítica e instigante, levando o leitor a refletir de maneira muito mais profunda sobre as várias facetas do grande desafio que é o ministério pastoral. Ele fundamenta seus conceitos na Bíblia e nos escritos de Ellen White, não esquecendo sua experiência como pastor de igreja, presidente de Campo e secretário ministerial de Associação, União e Divisão, nos Estados Unidos.



Reading Ellen White

– George R. Knight, Review and Herald Publishing Association, Hagerstown, MD, EUA; 140 páginas.

Neste livro, o autor estabelece de maneira clara e bem fundamentada

os princípios que

ajudarão os leitores de Ellen

White a interpretar e aplicar seus escritos

em sua vida. Na primeira seção, de Reading Ellen White, Knight focaliza os propósitos dos escritos, seu relacionamento com a Bíblia, o papel das compilações e como desenvolver uma leitura sistemática. Na segunda parte, ele examina os princípios fundamentais de interpretação, e, na última parte, explora como aplicar os conselhos de Ellen White na vida do leitor e de outras pessoas.



O Dia do Dragão – Clifford Goldstein, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP; 159 páginas.

Colapso do comunismo. Ascensão do papado. O moderno espiritualismo. Fusão política de católicos e protestantes. Terão esses eventos alguma semelhança com os cenários proféticos descritos no Apocalipse e no livro O Grande Conflito? O Dia do Dragão analisa como os acontecimentos atuais estão preparando o caminho para que os Estados Unidos cumpram o seu papel profético.



Comentário Bíblico – Frank M. Boyd, CPAD, Rio de Janeiro, RJ, 175 páginas.

Este livro não é um simples comentário bíblico. É um devocional dirigido às igrejas e aos crentes em particular. Tendo em vista os problemas enfrentados pelos gálatas, filipenses, tessalonicenses e judeus cristãos, Frank M. Boyd contextualiza as epístolas enviadas a esses crentes, tornando-as imprescindíveis aos cristãos atuais. □